

ANÁLISE DO SETOR DA CONSTRUÇÃO



Estudos da Central de Balanços
Janeiro 2014

15



Banco de Portugal

EUROSISTEMA

ANÁLISE
DO SETOR DA CONSTRUÇÃO

Estudos da Central de Balanços

Janeiro 2014

15



Banco de Portugal

EUROSISTEMA

BANCO DE PORTUGAL

Av. Almirante Reis, 71

1150-012 Lisboa

www.bportugal.pt

Edição

Departamento de Estatística

Design, impressão e acabamento

DSADM Serviço de Edições e Publicações

Lisboa, 2014

Tiragem

1000 exemplares

ISBN (impresso) 978-989-678-265-8

ISBN (online) 978-989-678-266-5

ISSN 1647-967X (impresso)

ISSN 1647-9688 (on-line)

Depósito legal n.º 320301/10

NOTA PRÉVIA

A presente análise baseia-se fundamentalmente na informação recolhida através da Informação Empresarial Simplificada (IES) e tratada pela Central de Balanços do Banco de Portugal. Através da IES as empresas cumprem, de uma só vez, as obrigações de declaração das contas anuais junto dos Ministérios das Finanças e da Justiça, do Banco de Portugal e do Instituto Nacional de Estatística (INE).

A IES é normalmente reportada no prazo máximo de seis meses e meio após o fim do exercício económico, o que corresponde, para a maioria das empresas residentes em Portugal, ao dia 15 de julho do ano seguinte ao de referência dos dados. De momento, a informação mais recente da IES diz respeito ao ano de 2012.

Os dados anuais são complementados com indicadores para 2013 obtidos a partir das respostas de um conjunto de empresas ao Inquérito Trimestral às Empresas Não Financeiras (ITENF). Neste domínio são analisados os resultados para o total das empresas não financeiras em Portugal, apurados através da aplicação de uma metodologia de extrapolação aos dados obtidos através do ITENF. A análise incide sobre a informação disponível até ao terceiro trimestre de 2013.

A informação reportada pelas empresas na IES e no ITENF é sujeita no Banco de Portugal a um processo de controlo de qualidade que visa, essencialmente, assegurar a coerência e a integridade da informação contabilística no exercício económico, assim como a consistência temporal dos principais agregados. No âmbito dessa análise é também efetuado o confronto com os dados obtidos no âmbito dos outros sistemas de estatísticas da responsabilidade do Banco de Portugal, nomeadamente na Central de Responsabilidades de Crédito (CRC), no Sistema Integrado de Estatísticas de Títulos (SIET) e na Balança de Pagamentos.

Para além da informação obtida através da IES, incluem-se também neste *Estudo* os dados relativos à dívida financeira das empresas portuguesas disponíveis a partir de outras bases de dados do Departamento de Estatística do Banco de Portugal, nomeadamente da CRC e do SIET. Esta informação permite caracterizar uma parte significativa dos passivos financeiros das empresas portuguesas, relativa aos empréstimos do setor financeiro e à dívida titulada. Com base na informação disponível na CRC e no SIET é analisada a dívida financeira das empresas no final do terceiro trimestre de 2013.

Por fim, para efeitos de comparação com outros países é utilizada a informação da base de dados internacional *Bank for the Accounts of Companies Harmonized* (BACH), gerida pelo Comité Europeu das Centrais de Balanços (*European Committee of Central Balance-Sheet Data Offices—ECCBSO*). Esta informação possibilita a comparação da situação das empresas de nove países europeus em termos da rentabilidade, endividamento e produtividade, ao nível dos setores de atividade económica e de classes de dimensão. A informação mais recente disponível nesta base de dados reporta-se ao ano de 2012, para a generalidade dos países.

SUMÁRIO

De acordo com a informação disponível na Central de Balanços do Banco de Portugal, o setor da *Construção* representava em 2012 cerca de 12% das empresas, 7% do volume de negócios e 11% do número de pessoas ao serviço do setor institucional das Sociedades não Financeiras (SNF).

O volume de negócios do setor da *Construção* encontra-se repartido pelos seguintes segmentos de atividade económica: *Construção de edifícios* (40%), *Engenharia civil* (38%) e *Atividades especializadas* (22%). Atendendo à dimensão das empresas, as PME são responsáveis pelo maior contributo para o volume de negócios da *Construção* (45%, que compara com 37% nas grandes empresas e 19% nas microempresas).

Em 2012, quer o volume de negócios, quer os custos operacionais do setor da *Construção* sofreram uma queda muito acentuada (-26%). Por consequência, o EBITDA (Resultados antes de Juros, Impostos, Depreciações e Amortizações) reduziu-se (-6%) e a rentabilidade dos capitais próprios manteve-se negativa (-8%).

A autonomia financeira do setor da *Construção* era, em 2012, de 20%, em média (30% nas SNF), encontrando-se cerca de metade das empresas com autonomia financeira inferior. A dívida financeira e os créditos comerciais foram as principais componentes (76%) do passivo.

Não obstante a diminuição dos custos de financiamento, a pressão financeira do setor da *Construção* (rácio entre os juros suportados e o EBITDA) registou um ligeiro aumento (1 p.p.) devido à queda do EBITDA. Em 2012, o peso dos juros suportados no EBITDA foi de 133%.

A informação constante da Central de Responsabilidades de Crédito do Banco de Portugal mostra que o financiamento concedido por instituições de crédito residentes a empresas do setor da *Construção* era, no final de 2012, inferior em 13% ao do período homólogo. A tendência de queda prosseguiu em 2013: no final de setembro, o crédito concedido ao setor era inferior ao do final de 2012 em 9.5%. Por outro lado, o rácio de crédito vencido, que ascendeu a 23.7% no final do terceiro trimestre de 2013, era superior em 4.7 p.p. face ao do final de 2012. O rácio de crédito vencido das SNF foi de 13.4% em igual período.

A emissão de títulos de dívida representava, no final de 2012, 6% da dívida financeira do setor da *Construção*. De acordo com informação adicional disponível no Sistema Integrado de Estatísticas de Títulos do Banco de Portugal, a emissão de títulos de dívida deste setor concentrou-se, sobretudo, nas PME e nos segmentos da *Construção de edifícios* e da *Engenharia civil*.

Quanto à dívida comercial, em 2012 o prazo médio de recebimentos da *Construção* (161 dias) era inferior ao prazo médio de pagamentos (170 dias). Em termos líquidos (saldo entre fornecedores e clientes), a dívida comercial não constituía uma forma de financiamento efetiva do setor. Apenas na classe de dimensão das microempresas e no segmento de atividade económica da *Construção de edifícios*, o saldo de fornecedores foi superior ao saldo de clientes.

Com base na informação disponível na *Bank for the Accounts of Companies Harmonized* (BACH), as grandes empresas da *Construção* em Portugal comparavam, em 2012, favoravelmente com as suas congéneres europeias no que respeita à margem decorrente da sua atividade operacional (medida pelo peso do EBITDA no volume de negócios). No entanto, a rentabilidade dos capitais próprios era menor do que a observada na maioria dos restantes países, situação que resultou, em larga medida, da estrutura de financiamento dessas empresas em Portugal caracterizada pela elevada dependência de capitais alheios, particularmente de empréstimos junto de instituições de crédito. Em termos de dívida comercial, as grandes empresas do setor da *Construção* em Portugal não conseguiam obter financiamento líquido.

ÍNDICE

I ANÁLISE DO SETOR DA CONSTRUÇÃO

3	1 Introdução
5	2 Estrutura e Dinâmica
5	2.1 Estrutura
9	2.2 Concentração
10	2.3 Dinâmica
11	3 Análise Económica e Financeira
11	3.1 Enquadramento
11	3.2 Atividade e rendibilidade
11	3.2.1 Volume de negócios
13	3.2.2 Custos da atividade operacional
15	<i>Caixa 1 Relevância do exterior na atividade operacional das empresas do setor da Construção</i>
18	3.2.3 EBITDA
19	3.2.4 Rendibilidade dos capitais próprios
21	3.3 Situação financeira
21	3.3.1 Estrutura financeira
25	<i>Caixa 2 Empréstimos obtidos junto de instituições de crédito residentes em Portugal – caracterização com base na Central de Responsabilidades de Crédito</i>
28	3.3.2 Custos financeiros e solvabilidade
31	<i>Caixa 3 Crédito obtido através da emissão de títulos de dívida – caracterização com base no Sistema Integrado de Estatísticas de Títulos</i>
32	3.3.3 Financiamento por dívida comercial
36	4 Comparação Internacional para as grandes empresas a partir da base de dados BACH
36	4.1 Atividade
37	4.2 Rendibilidade
37	4.3 Estrutura do financiamento
38	4.4 Custos de financiamento e solvabilidade
39	4.5 Financiamento líquido por dívida comercial

40	Anexo
41	Síntese Metodológica
43	Referências
45	Estudos da Central de Balanços

ÍNDICE DE GRÁFICOS

8	Gráfico 1 Estrutura por classes de maturidade (2012)
9	Gráfico 2 Herfindahl-Hirschman index por classes da CAE-Rev.3 Volume de negócios (2012)
10	Gráfico 3 Indicadores demográficos do setor da Construção
12	Gráfico 4 Volume de negócios Taxa de crescimento anual (em %) e contributos (em p.p.)
13	Gráfico 5 Volume de negócios Distribuição por quartis da taxa de crescimento anual e média ponderada
13	Gráfico 6 Custos da atividade operacional Taxa de crescimento anual (em %) e contributos (em p.p.)
15	<i>Caixa 1 - Gráfico 1.1 Exportações e Importações de bens e serviços (2012)</i>
16	<i>Caixa 1 - Gráfico 1.2 Volume de negócios gerado por estabelecimentos no exterior Peso no volume de negócios total, e contributos por segmentos de atividade económica (2008 a 2012)</i>
17	<i>Caixa 1 - Gráfico 1.3 Saldo das transações de bens e serviços com o exterior (2008 a 2012) Peso no volume de negócios (%)</i>
19	Gráfico 7 Empresas com EBITDA negativo Peso no total
20	Gráfico 8 Rendibilidade dos capitais próprios
22	Gráfico 9 Autonomia financeira Distribuição por quartis e média ponderada (2008 e 2012)
23	Gráfico 10 Passivo Taxa de crescimento anual (em %) e contributos (em p.p.)
24	Gráfico 11 Estrutura do passivo (2012)
25	<i>Caixa 2 - Gráfico 2.1 Número de empresas e total do financiamento obtido junto de IC residentes Por setores de atividade económica (2012) (2009 entre parêntesis)</i>
26	<i>Caixa 2 - Gráfico 2.2 Evolução do financiamento obtido junto de IC residentes Taxa de crescimento (em %) e contributos (em p.p.) – valores no final do período</i>
27	<i>Caixa 2 - Gráfico 2.3 Rácio de crédito vencido (no final do período)</i>
27	<i>Caixa 2 - Gráfico 2.4 Empresas com crédito vencido (no final do período)</i>
28	Gráfico 12 Juros suportados Taxa de crescimento anual (em %) e contributos (em p.p.)
29	Gráfico 13 Peso dos juros suportados no EBITDA
33	Gráfico 14 Prazo médio de recebimentos Em dias
34	Gráfico 15 Prazo médio de pagamentos Em dias
35	Gráfico 16 Financiamento líquido por dívida comercial Em % do volume de negócios
36	Gráfico 17 EBITDA em % do volume de negócios das grandes empresas da Construção
37	Gráfico 18 Rendibilidade dos capitais próprios das grandes empresas da Construção
38	Gráfico 19 Indicadores de financiamento das grandes empresas da Construção (2012)

- 38** Gráfico 20 Pressão financeira das grandes empresas da Construção
- 39** Gráfico 21 Financiamento líquido por dívida comercial das grandes empresas da Construção | Em % do volume de negócios

ÍNDICE DE QUADROS

- 5** Quadro 1 TOP 3 Setores de atividade das SNF | Peso nas SNF (2012)
- 6** Quadro 2 Estrutura do setor da Construção por segmentos de atividade económica | 2002 e 2012
- 7** Quadro 3 Estruturas | Por segmentos de atividade económica e classes de dimensão (2012)
- 9** Quadro 4 TOP 100 SNF | Peso no total das SNF e peso do setor da Construção (2012)
- 10** Quadro 5 Rácio de natalidade/mortalidade
- 11** Quadro 6 PIB e principais componentes | Taxa de crescimento anual
- 14** Quadro 7 Custos da atividade operacional | Estrutura por classes de dimensão e por segmentos de atividade económica (2012)
- 18** Quadro 8 EBITDA | Peso das empresas com crescimento anual
- 20** Quadro 9 Empresas com resultado líquido do período e capitais próprios negativos
- 29** Quadro 10 Empresas com EBITDA inferior aos juros | Em % do total
- 30** Quadro 11 Indicadores de solvabilidade
- 31** Caixa 3 - Quadro 3.1 Estrutura do financiamento por títulos de dívida (posição no final do período)
- 31** Caixa 3 - Quadro 3.2 Peso dos títulos de dívida de curto prazo (posição no final do período)

ÍNDICE DE FIGURAS

- 8** Figura 1 Peso do setor da Construção no total do distrito (2012)

ABREVIATURAS

BACH	<i>Bank for the Accounts of Companies Harmonized</i>
CAE	Classificação Portuguesa das Atividades Económicas
CMVMC	Custo das Mercadorias Vendidas e das Matérias Consumidas
EBITDA	Resultados antes de Juros, Impostos, Depreciações e Amortizações (do inglês, <i>Earnings Before Interest, Taxes, Depreciation and Amortization</i>)
ENI	Empresários em Nome Individual
FSE	Fornecimentos e Serviços Externos
FBCF	Formação Bruta de Capital Fixo
HHI	<i>Herfindahl-Hirschman Index</i>
IC	Instituições de Crédito
IES	Informação Empresarial Simplificada
INE	Instituto Nacional de Estatística
ITENF	Inquérito Trimestral às Empresas Não Financeiras
p.p.	Pontos Percentuais
PIB	Produto Interno Bruto
PME	Pequenas e Médias Empresas (exclui as microempresas)
POC	Plano Oficial de Contabilidade
SEC 95	Sistema Europeu de Contas Nacionais e Regionais de 1995
SNC	Sistema de Normalização Contabilística
SNF	Sociedades não Financeiras

ANÁLISE DO SETOR DA CONSTRUÇÃO



INTRODUÇÃO

1

ESTRUTURA E DINÂMICA

2

ANÁLISE ECONÓMICA E FINANCEIRA

3

COMPARAÇÃO INTERNACIONAL PARA AS GRANDES EMPRESAS
A PARTIR DA BASE DE DADOS BACH

4

I ANÁLISE DO SETOR DA CONSTRUÇÃO

1 INTRODUÇÃO

O Estudo “*Análise do Setor da Construção*” avalia a situação económica e financeira das empresas pertencentes ao setor da *Construção*, tendo por base a informação compilada pela Central de Balanços do Banco de Portugal¹. O setor da *Construção* compreende, para efeitos desta análise, a Secção F da Classificação Portuguesa das Atividades Económicas, Revisão 3 (CAE-Rev. 3).

Os resultados aqui apresentados complementam os dados agregados sobre Sociedades não Financeiras (SNF)², apurados igualmente a partir da Central de Balanços e divulgados noutras publicações do Banco de Portugal³. A análise incide essencialmente sobre o período 2008-2012, com base na Informação Empresarial Simplificada (IES), sendo dado algum detalhe adicional para o ano de 2013 no que diz respeito ao financiamento por empréstimos bancários e por títulos de dívida.

Neste *Estudo* procura-se caracterizar o setor da *Construção*, a partir da análise de um conjunto de indicadores selecionados para as empresas⁴ que o compõem. Para o efeito, são apresentados resultados sobre a distribuição das empresas do agregado (i.e., quartis), o que possibilita uma análise alternativa ao indicador sintético sobre a média do setor e oferece medidas isentas das distorções provocadas por eventuais valores extremos. Adicionalmente, analisam-se os contributos de vários subconjuntos de empresas para a determinação dos resultados agregados do setor. Nesse sentido, é apresentado detalhe por segmentos de atividade económica e por classes de dimensão.

Nesta publicação é também avaliada a situação do setor da *Construção* por comparação com o agregado das SNF em Portugal. Para mais detalhe sobre os resultados obtidos para o setor das SNF, devem ser consultados os números 12 e 13 dos Estudos da Central de Balanços do Banco de Portugal (ambos de novembro de 2013).

1 A Central de Balanços do Banco de Portugal é uma base de dados com informação económica e financeira sobre as SNF em Portugal. A informação baseia-se nos dados contabilísticos anuais comunicados no âmbito da Informação Empresarial Simplificada (IES) e nos dados contabilísticos trimestrais reportados pelas empresas através do Inquérito Trimestral às Empresas Não Financeiras (ITENF). Os dados anuais cobrem a quase totalidade das SNF e os dados trimestrais cobrem cerca de quatro mil empresas, representativas de 50% do volume de negócios do setor. Para mais detalhe relativamente à atividade da Central de Balanços, podem ser consultados os Suplementos ao Boletim Estatístico 1/2008 – *Reporte simplificado: incorporação da Informação Empresarial Simplificada nas Estatísticas das Empresas não Financeiras da Central de Balanços e 2/2013 – Estatísticas das Empresas não Financeiras da Central de Balanços – Notas metodológicas*, bem como a publicação *Estudos da Central de Balanços | 6 – Novos Quadros da Empresa e do Setor: Adaptação ao Sistema de Normalização Contabilística*, de dezembro de 2011.

2 O setor das SNF constitui um dos cinco setores institucionais da economia. A setorização institucional dos agentes económicos é efetuada de acordo com o Sistema Europeu de Contas Nacionais e Regionais de 1995 (SEC 95), aprovado pelo Conselho através do Regulamento nº 2223/96, de 25 de junho. O SEC 95 constitui o referencial harmonizado sobre a metodologia de compilação e prazo de disponibilização das contas nacionais dos países da União Europeia, incluindo estatísticas sob a responsabilidade do Banco de Portugal. Tendo por base este normativo, os Empresários em Nome Individual (ENI) estão incluídos no setor institucional dos Particulares. Desta forma, todos os dados apresentados neste *Estudo* para o setor das SNF excluem os ENI (representativos de cerca de dois terços do número de empresas em Portugal, mas de apenas 5% do respetivo volume de negócios). Foram também excluídas da presente análise as empresas classificadas nas Secções O – *Administração Pública e Defesa*; *Segurança Social Obrigatória*, T – *Atividades das famílias empregadoras de pessoal doméstico e atividades de produção das famílias para uso próprio* e U – *Atividades dos organismos internacionais e outras instituições extra-territoriais* da CAE-Rev.3, por não se incluírem no setor institucional das SNF, bem como as empresas classificadas na Secção K – *Atividades Financeiras e de Seguros*, onde se incorporam as Sociedades Gestoras de Participações Sociais (SGPS) não financeiras sem envolvimento na gestão das participadas que, apesar de pertencerem ao setor das SNF (conforme regulamentado no SEC 95), não foram consideradas por apresentarem características muito específicas que as distinguem das restantes SNF.

3 As estatísticas da Central de Balanços são publicadas no *Boletim Estatístico* do Banco de Portugal (Capítulos A e G) e nos Quadros do Setor, ambos disponíveis no sítio do Banco de Portugal na *Internet* e no *BPstat | Estatísticas Online*.

4 Por uma questão de simplificação utilizam-se neste *Estudo* as expressões “empresa” e “sociedade” de forma indiferenciada, sendo que ambas se referem às SNF definidas na Nota 2.

A análise inicia-se com uma breve caracterização do setor da *Construção*, com destaque para a sua composição em termos de atividade económica, dimensão, localização geográfica e maturidade das empresas que o compõem. São também apresentados resultados sobre a concentração do mercado e a dinâmica empresarial. De seguida, analisa-se a evolução recente do volume de negócios e procura-se determinar em que medida esta se reflete nas rendibilidades obtidas pelas empresas. Para tal, decompõem-se os efeitos que influem sobre estas rendibilidades entre as componentes operacional e financeira da atividade das empresas, procurando também fornecer alguma informação sobre a respetiva capacidade de solvência.

A partir da informação complementar disponível na Central de Responsabilidades de Crédito (CRC) e no Sistema Integrado de Estatísticas de Títulos (SIET), apresenta-se detalhe sobre a dívida financeira das empresas do setor da *Construção*, nomeadamente no que respeita a empréstimos obtidos junto do setor financeiro em Portugal e a títulos de dívida emitidos pelas empresas do setor.

Por último, para efeitos de comparação internacional, é utilizada a base de dados *Bank for the Accounts of Companies Harmonized* (BACH), com o objetivo de comparar a situação das grandes empresas do setor da *Construção* em nove países europeus, designadamente em termos de atividade, rendibilidade, estrutura do financiamento, custos de financiamento e solvabilidade e financiamento líquido por dívida comercial.

Em Anexo apresenta-se um quadro-resumo com os principais indicadores e uma síntese metodológica com a definição dos principais conceitos utilizados ao longo do *Estudo*. No sítio do Banco de Portugal na Internet encontram-se igualmente disponíveis, em ficheiro *Excel*, as séries estatísticas analisadas.

2 ESTRUTURA E DINÂMICA⁵

2.1 Estrutura

O setor da **Construção** analisado neste *Estudo* corresponde à Secção F da CAE-Rev.3⁶. Deste modo, compreende as seguintes divisões da CAE-Rev.3:

- **Promoção imobiliária (desenvolvimento de projetos de edifícios); construção de edifícios (Divisão 41):** “compreende as atividades de construção, ampliação, transformação e restauro de edifícios (...) Inclui edifícios para qualquer fim, assim como a reunião de meios técnicos, jurídicos e financeiros para realizar a construção de edifícios com vista à venda (promoção imobiliária)”, doravante designada abreviadamente por “Construção de edifícios”;
- **Engenharia civil (Divisão 42):** “compreende: (i) a construção de estradas, pontes, túneis, pistas de aeroportos e vias férreas, (ii) a construção de redes de transporte de águas, de esgotos, de distribuição de energia, de telecomunicações e de outras redes, e (iii) a construção de outras obras de engenharia civil como é o caso da engenharia hidráulica”; e,
- **Atividades especializadas de construção (Divisão 43):** “compreende atividades especializadas, tais como: demolição; preparação dos locais de construção; perfurações; construção de fundações; preparação de armações de ferro para a construção no local da obra; instalação elétrica e de canalizações; acabamento de edifícios; trabalhos de instalação dos equipamentos técnicos necessários ao funcionamento de qualquer obra de construção. Inclui a reparação das atividades especializadas de construção aqui incluídas, assim como o aluguer de equipamento de construção e de demolição”, doravante designada abreviadamente por “Atividades especializadas”.

Em 2012, de acordo com os dados da Central de Balanços do Banco de Portugal, o setor da *Construção* engobava cerca de 46 mil empresas, representativas de 12% das empresas, 7% do volume de negócios e 11% das pessoas ao serviço das SNF em Portugal. Neste mesmo ano, no total das SNF, este setor foi o segundo mais importante em número de empresas e o terceiro em volume de negócios e em número de pessoas ao serviço (Quadro 1).

Não obstante, por comparação com 2002, o setor da *Construção* perdeu relevância no total das SNF: -2 p.p. em número de empresas e em número de pessoas ao serviço e -3 p.p. em volume de negócios.

Em 2012, a *Construção* era o segundo setor mais importante em número de empresas (12% das SNF em Portugal)

Quadro 1

	Número de Empresas		Volume de Negócios		Número de Pessoas ao Serviço	
	% SNF	Posição	% SNF	Posição	% SNF	Posição
Comércio	26.9%	1	37.0%	1	21.4%	2
Construção	12.1%	2	6.9%	3	10.6%	3
Indústrias Transformadoras	10.6%	3	24.4%	2	23.0%	1

⁵ Para uma comparação detalhada da estrutura e dinâmica do setor da *Construção* com os restantes setores de atividade económica em Portugal deve ser consultado o *Estudo da Central de Balanços | 12 – Estrutura e Dinâmica das Sociedades não Financeiras em Portugal 2006-2012*, de novembro de 2013.

⁶ A CAE-Rev.3 compreende um total de 21 secções, das quais 17 estão incluídas no agregado das SNF.

O segmento da *Construção de edifícios* representava 60% das empresas e 40% do volume de negócios do setor da *Construção* em 2012

Por segmentos de atividade económica, a *Construção de edifícios* predominava em número de empresas (representava perto de 60% do total, o que compara com 34% nas *Atividades especializadas* e 6% na *Engenharia civil*). Contudo, o contributo da *Construção de edifícios* para o volume de negócios era inferior (40%), logo seguido pelo do segmento da *Engenharia civil* (38%) (Quadro 2).

Entre 2002 e 2012, o peso da *Construção de edifícios* no setor da *Construção* diminuiu em todos os indicadores, com destaque para o volume de negócios, onde registou um decréscimo superior a 8 p.p.. Em sentido contrário, o peso da *Engenharia civil* e das *Atividades especializadas* aumentou, tanto em volume de negócios como em número de pessoas ao serviço.

Quadro 2

ESTRUTURA DO SETOR DA CONSTRUÇÃO POR SEGMENTOS DE ATIVIDADE ECONÓMICA 2002 e 2012						
	Número de Empresas		Volume de Negócios		Número de Pessoas ao Serviço	
	2002	2012	2002	2012	2002	2012
Construção de edifícios	62.6%	59.9%	48.4%	40.0%	51.0%	44.6%
Engenharia civil	8.7%	6.1%	35.2%	38.3%	22.9%	24.1%
Atividades especializadas	28.8%	34.0%	16.4%	21.6%	26.1%	31.4%

A esmagadora maioria das empresas da *Construção* são microempresas...

A distribuição das empresas do setor da *Construção* por **classes de dimensão**⁷ reflete, de forma genérica, o observado no agregado das SNF. Em 2012, a esmagadora maioria do setor era constituída por microempresas (88%, que compara com 89% nas SNF), enquanto as grandes empresas representavam apenas 0.1% do setor (0.3% nas SNF) (Quadro 3).

...mas para o volume de negócios e o emprego do setor são importantes as PME

No que respeita ao emprego e ao volume de negócios, as microempresas e as Pequenas e Médias Empresas (PME) pesavam mais na *Construção* do que no agregado das SNF em Portugal (entre 4 p.p. e 6 p.p.). Em 2012, a classe das PME foi a mais importante nestas variáveis, tendo sido responsável por 49% do emprego e 45% do volume de negócios total da *Construção*.

O cruzamento entre **classes de dimensão e segmentos de atividade económica** permite verificar que as grandes empresas tinham maior relevância na *Engenharia civil*. Em 2012, embora representassem apenas 1% em número de empresas, a classe das grandes empresas foi responsável por 54% do emprego e 67% do volume de negócios. Nos restantes segmentos, as PME foram a classe dominante.

⁷ A definição das classes de dimensão das empresas utilizada neste *Estudo* encontra-se detalhada em Anexo.

Quadro 3

ESTRUTURAS Por segmentos de atividade econômica e classes de dimensão (2012)				
		Número de Empresas	Volume de Negócios	Número de Pessoas ao Serviço
Microempresas	SNF	88.8%	14.4%	26.8%
	Construção	87.6%	18.5%	32.7%
	Construção de edifícios	89.0%	28.8%	41.2%
	Engenharia civil	72.3%	2.9%	6.5%
	Atividades especializadas	88.0%	27.3%	40.8%
Pequenas e Médias Empresas	SNF	10.9%	40.6%	43.9%
	Construção	12.2%	44.5%	49.4%
	Construção de edifícios	11.0%	51.3%	53.6%
	Engenharia civil	26.4%	29.6%	39.1%
	Atividades especializadas	11.9%	58.4%	51.2%
Grandes Empresas	SNF	0.3%	45.0%	29.3%
	Construção	0.1%	37.0%	17.9%
	Construção de edifícios	0.1%	20.0%	5.2%
	Engenharia civil	1.3%	67.5%	54.5%
	Atividades especializadas	0.1%	14.3%	8.0%

Ao nível da **localização geográfica**⁸ da sede das empresas, o setor da *Construção* apresentava em 2012, à semelhança do agregado das SNF em Portugal, uma elevada concentração junto do litoral, nomeadamente nos distritos de Lisboa e Porto. Estes distritos concentravam 40% do número de empresas e 54% do volume de negócios da *Construção* (nas SNF, 46% e 59%, respetivamente).

Quanto à importância do setor da *Construção* no total das atividades desenvolvidas em cada distrito, os maiores pesos avaliados em termos do número de empresas, registaram-se em Viana do Castelo (17%), Leiria (16%) e Faro (16%) (Figura 1). Em termos do volume de negócios, destacam-se Bragança (16%) e Leiria (14%). Évora e Portalegre, pelo contrário, foram os distritos onde o peso da *Construção*, avaliado em termos do volume de negócios, foi menos relevante (3% em ambos os casos).

Em geral, o peso do setor em número de empresas superava substancialmente o peso avaliado em termos do volume de negócios. Destacam-se, em especial, os distritos de Viana do Castelo e Setúbal, onde esse diferencial atingiu 10 p.p.. Pelo contrário, Bragança foi exceção, com o peso da *Construção* no volume de negócios do total das atividades do distrito a superar em 4 p.p. o peso no número de empresas. Esta situação deveu-se, essencialmente, à preponderância do segmento da *Engenharia civil* no distrito.

Os distritos de Lisboa e Porto concentram mais de metade do volume de negócios da *Construção* (54%, em 2012)

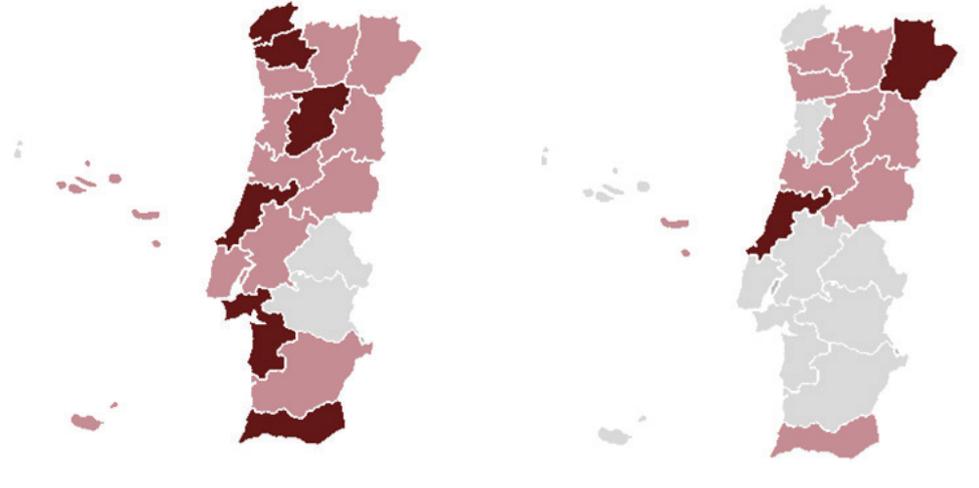
⁸ A localização geográfica refere-se ao distrito de localização da sede social da empresa.

Figura 1

PESO DO SETOR DA CONSTRUÇÃO NO TOTAL DO DISTRITO (2012)

Número de Empresas

Volume de Negócios



Legenda:

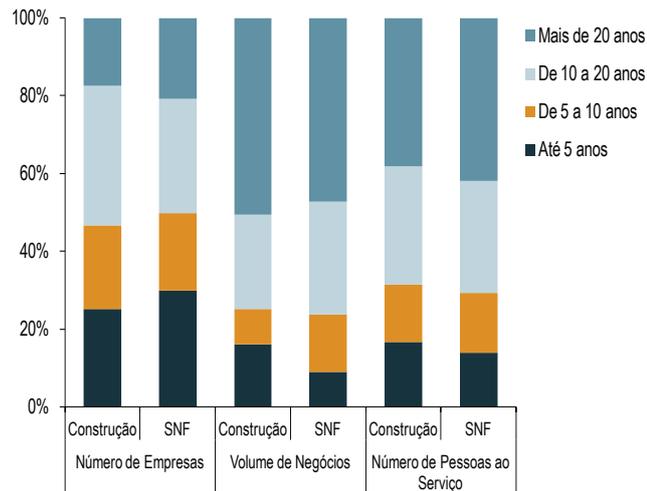


As empresas de maturidade superior a 10 anos foram responsáveis por cerca de três quartos do volume de negócios do setor em 2012

Relativamente à **maturidade das empresas**⁹, em 2012, mais de metade das empresas do setor da *Construção* existia há mais de 10 anos (53%). No setor da *Construção*, como no agregado das SNF, as empresas de maturidade mais elevada concentravam a maior parcela de volume de negócios e de emprego (75% e 69%, respetivamente) (Gráfico 1).

Gráfico 1

ESTRUTURA POR CLASSES DE MATURIDADE (2012)



⁹ A maturidade das empresas corresponde à idade das empresas na data de referência da análise. Consideram-se quatro classes de maturidade: até 5 anos (exclusive); de 5 a 10 anos (exclusive); de 10 a 20 anos (exclusive); e mais de 20 anos (onde se incluem as empresas com 20 anos).

2.2 Concentração

Em 2012, o conjunto das 100 maiores empresas em Portugal, em termos do volume de negócios, integrava 7 empresas do setor da *Construção*. Essas empresas pertenciam, sobretudo, ao segmento da *Engenharia civil*, e representavam 11% das pessoas ao serviço e 4% do volume de negócios das TOP 100 (Quadro 4).

Em 2012, 11% do emprego nas 100 maiores empresas em Portugal pertencia ao setor da *Construção*

Quadro 4

TOP 100 SNF Peso no total das SNF e peso do setor da Construção (2012)			
	Número de Empresas	Volume de Negócios	Número de Pessoas ao Serviço
Peso das 100 maiores SNF (em volume de negócios) no total das SNF	0.03%	26.0%	7.4%
Peso da Construção nas 100 maiores SNF (em volume de negócios)	7.0%	4.3%	10.7%

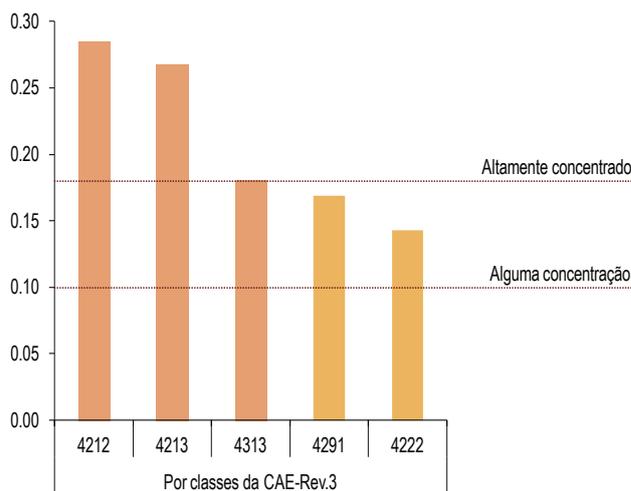
Avaliando o grau de **concentração setorial** com base no *Herfindahl-Hirschman Index* (HHI), que pondera a quota de mercado de cada empresa na respetiva atividade¹⁰, não se observa em 2012 indícios de concentração em nenhum dos segmentos de atividade económica da *Construção*. O maior valor do HHI foi observado na *Engenharia civil* (0.030) e o menor nas *Atividades especializadas* (0.003). Embora os valores do HHI não sejam significativos, é possível observar uma ligeira tendência de aumento de concentração no decorrer da última década (0.004 na *Construção de edifícios* e 0.01 na *Engenharia civil*).

Nenhum segmento de atividade económica da *Construção* apresentava indícios de concentração em 2012. Contudo, na última década, verificou-se um ligeiro aumento do índice de concentração

Analisando o HHI das 22 classes da CAE Rev.3 incluídas no setor da *Construção*, é possível verificar que em três destas classes o HHI apresenta valores equivalentes a mercados altamente concentrados. As duas classes com maior nível de concentração pertencem ao segmento da *Engenharia civil*: *Construção de vias férreas* (Classe 4212) e *Construção de pontes e túneis* (Classe 4213) (Gráfico 2).

Gráfico 2

HERFINDAHL-HIRSCHMAN INDEX POR CLASSES DA CAE-REV.3 | Volume de negócios (2012)



Legenda: Da esquerda para a direita – **Classe 4212:** *Construção de vias férreas*, **Classe 4213:** *Construção de pontes e túneis*, **Classe 4313:** *Perfurações e sondagens*, **Classe 4291:** *Engenharia hidráulica*, **Classe 4222:** *Construção de redes de transporte e distribuição de eletricidade e redes de telecomunicações*.

¹⁰A quota de mercado s_i foi apurada a partir do volume de negócios individual y_i , enquanto $s_i = y_i / \sum_{i=1}^n y_i$, sendo o HHI dado por $\sum_{i=1}^n s_i^2$. O HHI assume valores entre $1/n$ e 1, com os valores inferiores a 0.1 a representarem mercados sem concentração, entre 0.1 e 0.18 a indicarem mercados com alguma concentração e valores acima de 0.18 a indicarem uma elevada concentração empresarial. O valor 1 é assumido numa situação de monopólio em que uma empresa detém toda a quota de mercado.

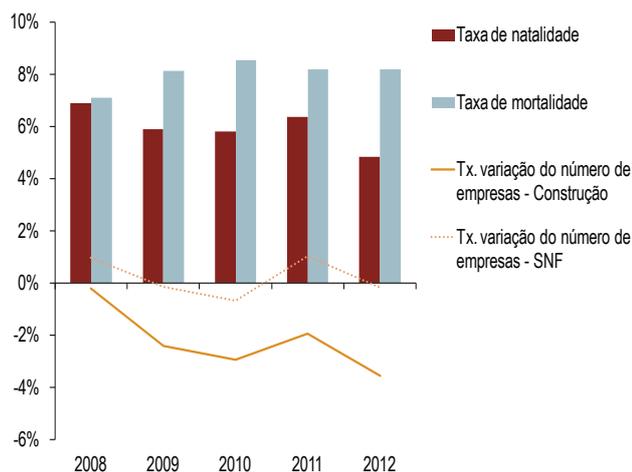
O número de empresas em atividade no setor tem diminuído nos últimos 5 anos...

2.3 Dinâmica

No ano de 2012, pelo quinto ano consecutivo, o número de empresas em atividade no setor da *Construção* diminuiu (4%). Com efeito, a taxa de mortalidade das empresas neste setor é superior à taxa de natalidade desde 2008. Em 2012, o número de empresas em atividade nas SNF diminuiu 0.2% (Gráfico 3).

Gráfico 3

INDICADORES DEMOGRÁFICOS DO SETOR DA CONSTRUÇÃO



...sendo a queda menos acentuada no segmento das *Atividades especializadas*

Por segmentos de atividade económica, as *Atividades especializadas* apresentaram os indicadores menos negativos. Ainda assim, o seu número de empresas diminuiu ligeiramente no período em análise. Os restantes segmentos do setor da *Construção* contraíram-se significativamente, em número de empresas, tendo o número de mortes excedido o dobro do número de nascimentos em 2012 (Quadro 5).

Ao nível das classes de dimensão, a redução do número de empresas no setor da *Construção* é particularmente notória nas microempresas e nas PME. Nesta última classe, o rácio natalidade/mortalidade situou-se, desde 2010, a um nível inferior a 0.5 (0.32 em 2012).

Quadro 5

RÁCIO DE NATALIDADE/MORTALIDADE					
	2008	2009	2010	2011	2012
Construção de edifícios	0.88	0.60	0.53	0.60	0.46
Engenharia civil	0.46	0.57	0.54	0.54	0.46
Atividades especializadas	1.30	0.99	0.97	1.17	0.82
Construção	0.97	0.71	0.66	0.76	0.57

3 ANÁLISE ECONÓMICA E FINANCEIRA

3.1 Enquadramento

Em 2012 o produto interno bruto caiu e o desemprego aumentou na economia portuguesa. Esta evolução decorreu num contexto externo adverso, marcado pela recessão na área do euro e pelo abrandamento do crescimento económico mundial. No plano interno, manteve-se a orientação contracionista na política orçamental e as restrições ao nível das condições monetárias e financeiras, apesar destas terem registado uma ligeira melhoria.

Em contraponto com a queda na atividade, observaram-se progressos no processo de ajustamento da economia portuguesa, nomeadamente ao nível do reequilíbrio do saldo conjunto das balanças corrente e de capital e da redução do défice primário e estrutural.

O PIB português caiu 3.2% em 2012, depois de ter diminuído 1.3% em 2011. O consumo privado e o investimento agravaram as quedas observada em 2011, enquanto o consumo público caiu ligeiramente menos do que no período homólogo. As operações comerciais com o exterior continuaram a dar um contributo positivo para evolução do PIB, com as exportações a crescerem, embora a um ritmo inferior ao observado em 2011, e as importações a caírem de forma mais acentuada (Quadro 6).

Os dados disponíveis para o primeiro semestre de 2013 revelam uma queda do produto, em termos homólogos, na ordem dos 3.1%. No final de 2013, as estimativas mais recentes do Banco de Portugal, publicadas no *Boletim Económico* de Inverno, apontam para uma queda do PIB de 1.5%¹¹.

Quadro 6

PIB E PRINCIPAIS COMPONENTES Taxa de crescimento anual					
	2009	2010	2011	2012	2013 (1.º Semestre)
PIB	-2.9%	1.9%	-1.3%	-3.2%	-3.1%
Consumo privado	-2.3%	2.5%	-3.3%	-5.4%	-3.3%
Consumo público	4.7%	0.1%	-5.0%	-4.7%	-3.3%
Formação bruta de capital fixo	-8.6%	-3.1%	-10.5%	-14.4%	-11.7%
Exportações	-10.9%	10.2%	6.9%	3.2%	4.0%
Importações	-10.0%	8.0%	-5.3%	-6.6%	0.9%

Fonte: INE e Banco de Portugal.

3.2 Atividade e rendibilidade

3.2.1 Volume de negócios

A evolução do volume de negócios da *Construção* foi particularmente negativa nos anos de 2011 e 2012¹². Em 2012, o volume de negócios do setor caiu 26%, depois de ter reduzido 17% em 2011. No agregado das SNF o volume de negócios também caiu em ambos os anos, ainda que de forma menos acentuada (2% em 2011 e 9% em 2012). No conjunto dos principais setores de

O PIB Português
decreceu 3.2%
em 2012

No final do
primeiro
semestre
de 2013 a
redução do PIB
ascendeu a
3.1% em termos
homólogos

O volume
de negócios
do setor da
Construção caiu
17% e 26%,
respetivamente
em 2011 e
2012

¹¹ Para mais informações acerca da evolução da atividade económica em Portugal pode ser consultado o *Relatório Anual* do Banco de Portugal, bem como o *Boletim Económico*, divulgado trimestralmente. Ambas as publicações encontram-se disponíveis em <http://www.bportugal.pt>.

¹² A "Caixa 1: Relevância do exterior na atividade operacional das empresas do setor da Construção" disponibiliza informação complementar sobre o peso do mercado externo na atividade das empresas do setor.

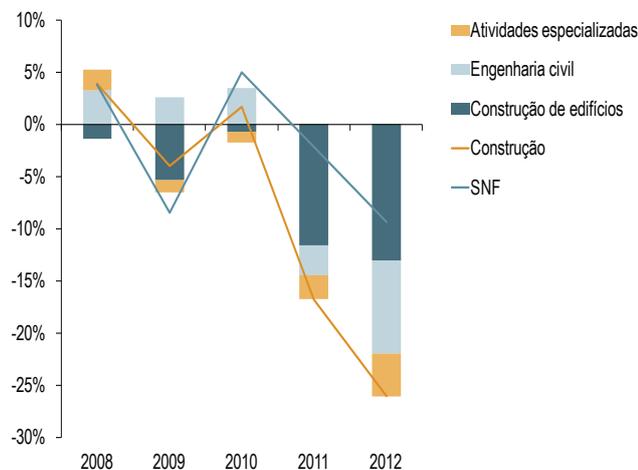
Em 2012, o contributo mais negativo para esta evolução proveio da *Construção de edifícios*

atividade, as maiores quedas no volume de negócios registaram-se na *Construção*¹³. De acordo com informação preliminar, o volume de negócios da *Construção* terá continuado a seguir uma trajetória negativa até ao terceiro trimestre de 2013.

Por segmentos de atividade económica, a maior quebra no volume de negócios em 2012 foi verificada na *Construção de edifícios* (32%), que deu também o maior contributo (13 p.p.) para a contração verificada no setor da *Construção* (Gráfico 4). Nos restantes segmentos, o volume de negócios recuou 23% na *Engenharia civil* e 20% nas *Atividades especializadas*. Ao longo do período em análise, o volume de negócios da *Construção de edifícios* e das *Atividades especializadas* registou, sistematicamente, evoluções negativas. Já na *Engenharia civil*, só após 2010 o volume de negócios começou a registar taxas de crescimento negativas neste indicador.

Gráfico 4

VOLUME DE NEGÓCIOS | Taxa de crescimento anual (em %) e contributos (em p.p.)



A contração do volume de negócios em 2012 verificou-se em todas as classes de dimensão do setor

Metade das empresas da *Construção* verificou uma redução do volume de negócios superior a 23%

Em 2012, verificou-se uma contração do volume de negócios em todas as classes de dimensão do setor da *Construção*. Nas PME o decréscimo foi de 30%, nas grandes empresas de 25% e nas microempresas de 20%. Considerando o horizonte temporal 2008-2012, tanto as PME como as microempresas registaram decréscimos consecutivos do volume de negócios. No que respeita às grandes empresas, a evolução negativa apenas se fez sentir a partir de 2011.

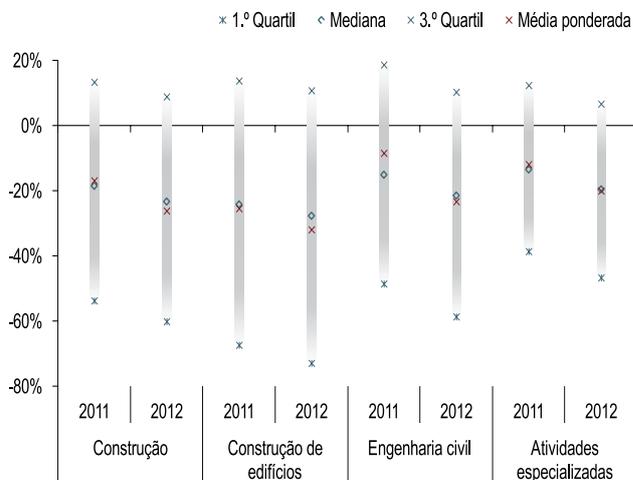
A análise dos dados de cada empresa mostra que a média da taxa de crescimento do volume de negócios na *Construção* em 2012 (-26%) é representativa da situação genérica das empresas do setor, por se encontrar próxima da mediana (-23%). Esta situação é igualmente válida para os três segmentos de atividade considerados (Gráfico 5).

A distribuição dos dados das empresas permite ainda verificar que, em 2012, um quarto das empresas da *Construção* registou decréscimos do volume de negócios superiores a 60% (valor do primeiro quartil). No extremo oposto, houve uma parcela de 25% de empresas deste setor com crescimentos do volume de negócios superiores a 9% (valor do terceiro quartil). Na comparação com 2011 nota-se uma deslocação das distribuições no sentido descendente. Esta situação denota uma evolução do volume de negócios mais negativa em 2012 para a generalidade das empresas da *Construção*, independentemente do segmento de atividade.

¹³ Para uma comparação detalhada dos indicadores económico-financeiros do setor da *Construção* com os restantes setores de atividade económica em Portugal pode ser consultado o *Estudo da Central de Balanços* | 13 – *Análise Setorial das Sociedades não Financeiras em Portugal 2012/2013*, de novembro de 2013.

Gráfico 5

VOLUME DE NEGÓCIOS | Distribuição por quartis da taxa de crescimento anual e média ponderada



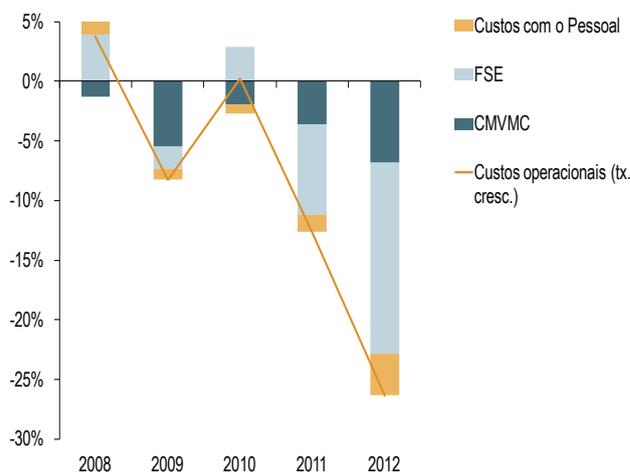
3.2.2 Custos da atividade operacional¹⁴

Em linha com a quebra do volume de negócios em 2012, os custos associados à atividade operacional do setor da *Construção* diminuíram 26% face ao período homólogo, com todas as componentes a registarem decréscimos (Gráfico 6). A redução mais significativa foi registada nos Fornecimentos e Serviços Externos (FSE) (29%) e a menor verificou-se nos custos com o pessoal (18%).

Os custos operacionais caíram 26% em 2012, tendo os FSE dado o maior contributo para esta queda (16 p.p.)

Gráfico 6

CUSTOS DA ATIVIDADE OPERACIONAL | Taxa de crescimento anual (em %) e contributos (em p.p.)



14 O agregado "custos da atividade operacional", calculado a partir da soma dos Custos das Mercadorias Vendidas e Matérias Consumidas (CMVMC) com os Fornecimentos e Serviços Externos (FSE) e os Custos com o Pessoal, corresponde, grosso modo, ao conceito de "custos operacionais" do Plano Oficial de Contabilidade (POC, normativo contabilístico de base às contas das empresas até 2009).

O peso dos FSE no total dos custos operacionais aumenta com a classe de dimensão: em 2012, 37% nas microempresas, 48% nas PME e 66% nas grandes empresas

A estrutura de custos operacionais na *Engenharia civil* era similar à das grandes empresas

Os FSE representavam 53% dos custos operacionais do setor em estudo, destacando-se do Custo das Mercadorias Vendidas e das Matérias Consumidas (CMVMC) (25%) e dos custos com o pessoal (22%). Deste modo, o contributo dos FSE para a evolução dos custos da atividade operacional da *Construção* em 2012 (-26%) foi significativo: 16 p.p..

A evolução dos custos da atividade operacional por classes de dimensão e segmentos de atividade económica estiveram também em conformidade com as quedas registadas nas respetivas atividades. Por classes de dimensão, a maior diminuição ocorreu nas PME (29%), enquanto por segmentos de atividade económica destaca-se a contração de 32% na *Construção de edifícios*.

Neste ponto é interessante verificar que no setor da *Construção* a estrutura de custos operacionais por classes de dimensão e segmentos de atividade económica apresenta diferenças significativas. Por classes de dimensão, quanto maior a empresa, maior a proporção dos FSE no total dos custos operacionais, por contrapartida do CMVMC e dos custos com o pessoal. Em 2012, os FSE representavam 66% do total de custos das grandes empresas, parcela essa que descia para 48% nas PME e 37% nas microempresas (Quadro 7).

Por segmentos de atividade económica, a *Engenharia civil* apresentava uma estrutura de custos operacionais equiparada à da classe das grandes empresas, refletindo o facto desta classe de empresas representar 67% do volume de negócios deste segmento. Do mesmo modo, os segmentos da *Construção de edifícios* e das *Atividades especializadas* apresentavam estruturas de custos operacionais semelhantes às das classes de dimensão das PME e das microempresas, respetivamente.

Quadro 7

CUSTOS DA ATIVIDADE OPERACIONAL | Estrutura por classes de dimensão e por segmentos de atividade económica (2012)

		CMVMC	FSE	Custos com o Pessoal
Construção		25.3%	52.5%	22.2%
Por classes de dimensão	Microempresas	37.5%	36.5%	25.9%
	Pequenas e Médias Empresas	26.2%	47.8%	26.0%
	Grandes Empresas	18.2%	66.0%	15.9%
Por segmentos de atividade económica	Construção de edifícios	27.7%	49.1%	23.3%
	Engenharia civil	19.0%	65.1%	15.9%
	Atividades especializadas	32.8%	35.7%	31.5%

CAIXA 1 | RELEVÂNCIA DO EXTERIOR NA ATIVIDADE OPERACIONAL DAS EMPRESAS DO SETOR DA CONSTRUÇÃO

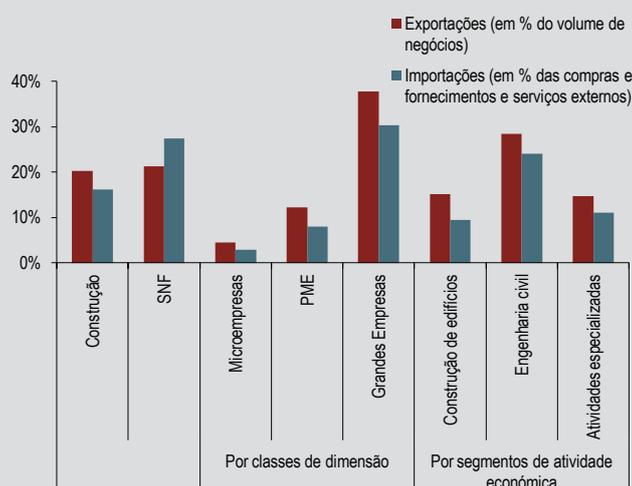
Procede-se nesta *Caixa* à avaliação do peso do mercado externo na atividade operacional das empresas da *Construção* em Portugal, tendo por base os dados da IES¹⁵.

Em 2012, o mercado externo justificou 20% do volume de negócios do setor da *Construção*. Este valor reflete um aumento face a 2011 (peso do mercado externo de 14%), que resultou quer da quebra do mercado interno, quer da aceleração do mercado externo. O peso das exportações no setor da *Construção* era semelhante ao observado no agregado das empresas não financeiras em Portugal: 21%, em 2012.

Na *Construção*, tal como no agregado das empresas em Portugal, o peso das exportações no total do volume de negócios aumenta com a classe de dimensão das empresas: em 2012, foi de 4% nas microempresas, 12% nas PME e 38% nas grandes empresas (Gráfico 1.1). Por comparação com 2011, estes valores representam +1 p.p. para as microempresas, +5 p.p. para as PME e +11 p.p. para as grandes empresas.

Gráfico 1.1

EXPORTAÇÕES E IMPORTAÇÕES DE BENS E SERVIÇOS (2012)



Por segmentos de atividade económica, o mercado externo tinha maior preponderância no volume de negócios da *Engenharia civil*: 28%, que compara com 15%, quer na *Construção de edifícios*, quer nas *Atividades especializadas*. De notar que o segmento da *Engenharia civil* é essencialmente composto por grandes empresas.

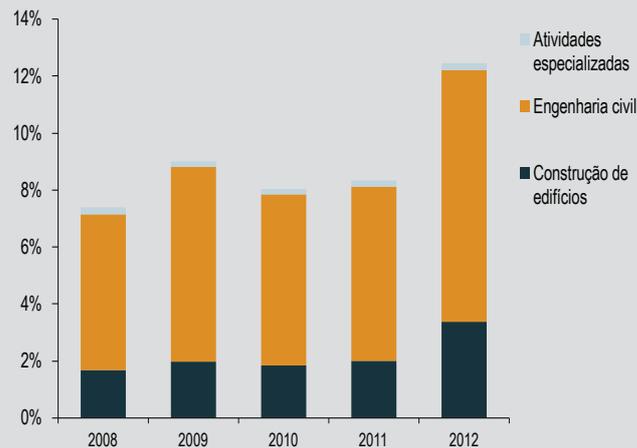
Atendendo à especificidade das atividades desenvolvidas no âmbito do setor da *Construção*, foi avaliada a importância dos estabelecimentos localizados fora do território nacional. Com base na informação disponível para 2008-2012, observa-se que a atividade dos estabelecimentos das empresas da *Construção* localizados no exterior representa mais de 50% do valor das exportações do setor. Em 2012, 12% do volume de negócios do setor da *Construção* provinha de estabelecimentos no exterior (mais 5 p.p. do que em 2008).

¹⁵ Os dados reportados na IES relativamente a operações de exportação e importação de bens e serviços são sujeitos a controlo de qualidade no Banco de Portugal por confronto, nomeadamente, com os dados reportados pelas mesmas empresas no âmbito da balança de pagamentos. Este procedimento não garante, porém, que os dados finais ajustados da IES sejam coincidentes com os dados das estatísticas do comércio internacional. Para tal concorrem, em larga medida, as diferenças metodológicas existentes entre os registos contabilísticos das empresas, que servem de base a esta análise, e a classificação das operações com o exterior nas estatísticas da balança de pagamentos e da posição de investimento internacional.

Por classes de dimensão, a esmagadora maioria do volume de negócios de estabelecimentos no exterior estava associado a grandes empresas (95% em 2012). Por segmentos de atividade económica, 71% desse volume de negócios era proveniente da *Engenharia civil* (compara com 27% da *Construção de edifícios* e 2% das *Atividades especializadas*). De notar, todavia, que a *Engenharia civil* perdeu preponderância ao longo do período 2008-2012 (-3 p.p., que compara com +4 p.p. na *Construção de edifícios* e -1 p.p. nas *Atividades especializadas*) (Gráfico 1.2).

Gráfico 1.2

VOLUME DE NEGÓCIOS GERADO POR ESTABELECIDAMENTOS NO EXTERIOR | Peso no volume de negócios total, e contributos por segmentos de atividade económica (2008 a 2012)



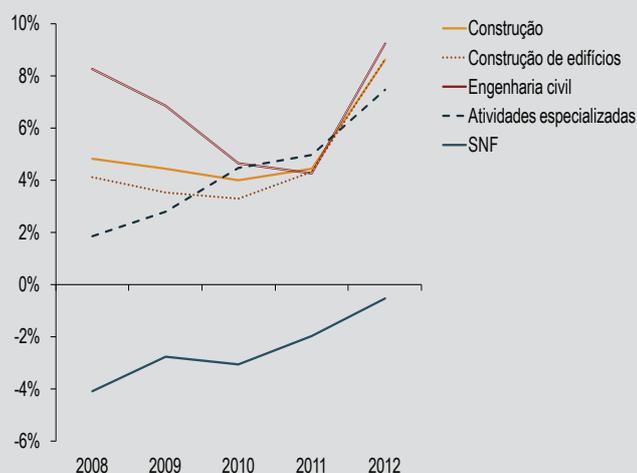
Relativamente às importações, o peso do mercado externo nas aquisições de bens e serviços das empresas do setor foi de 16% em 2012 (13% em 2011). No agregado das empresas em Portugal este valor situou-se em 27%. Também a este nível, quanto maior a classe de dimensão das empresas, maior o peso relativo das importações; em 2012, 30% das compras e fornecimentos e serviços externos das grandes empresas do setor foram efetuadas no exterior (compara com 8% nas PME e 3% nas microempresas). À semelhança do que aconteceu nas exportações, o peso do mercado externo nas importações aumentou de 2011 para 2012 em todas as classes de dimensão.

Por segmentos de atividade económica, a *Engenharia civil* apresentou em 2012 a maior dependência das importações: peso de 24% nas compras e fornecimentos e serviços externos (compara com 11% nas *Atividades especializadas* e com 9% na *Construção de edifícios*).

Em termos do saldo das operações comerciais com o exterior, o setor da *Construção* apresentou um valor positivo em todo o horizonte temporal considerado (9% em 2012), em contraste com o agregado das empresas em Portugal, que apresentou sempre valores negativos (-0.5% em 2012). Face a 2008, o saldo na *Construção* aumentou 4 p.p. (Gráfico 1.3).

Gráfico 1.3

SALDO DAS TRANSAÇÕES DE BENS E SERVIÇOS COM O EXTERIOR (2008 A 2012) | Peso no volume de negócios (%)



No período 2008-2012 observa-se, ainda, que todas as classes de dimensão do setor da *Construção* apresentaram um saldo das operações comerciais de bens e serviços com o exterior positivo: 3% nas microempresas, 7% nas PME e 14% nas grandes empresas.

Também ao nível dos segmentos de atividade económica deste setor, todos verificaram saldos de operações comerciais com o exterior positivos no horizonte temporal considerado, tendo os mesmos ascendido, em 2012, a 9% na *Engenharia civil* e na *Construção de edifícios* e a 7% nas *Atividades especializadas*. De 2008 a 2012, a maior variação positiva ocorreu no segmento das *Atividades especializadas* (6 p.p., que compara com 5 p.p. na *Construção de edifícios* e 1 p.p. na *Engenharia civil*).

3.2.3 EBITDA¹⁶

O EBITDA do setor da *Construção* decresceu menos do que o do agregado das SNF (6% e 25%, respetivamente)

A evolução da atividade operacional do setor da *Construção* em 2012 refletiu-se na quebra de 6% no EBITDA, face a 2011. Esta evolução, embora negativa, compara favoravelmente com o agregado das SNF, onde no mesmo período o EBITDA reduziu-se 25%. No entanto, é de salientar que em 2011 o EBITDA do setor da *Construção* já havia contraído 62%, que compara com uma redução de 27% nas SNF.

Para a evolução do EBITDA da *Construção* em 2012 contribuíram positivamente, em termos de classes de dimensão, as grandes empresas (crescimento de 36%) e, em termos de segmentos de atividade económica, a *Engenharia civil* (crescimento de 65%). Em sentido contrário, destacam-se a classe das microempresas e o segmento da *Construção de edifícios*, que, pela primeira vez no período em análise, apresentaram EBITDA negativo.

44% das empresas da *Construção* registaram uma evolução positiva no EBITDA em 2012...

Apesar da queda em termos médios do EBITDA em 2012, manteve-se, face ao ano anterior, a proporção de empresas do setor da *Construção* com crescimento neste indicador (44%), valor que se encontrava em linha com o observado no agregado das SNF (Quadro 8).

Por classes de dimensão, as PME registaram o menor número relativo de empresas com crescimento do EBITDA (37%, que compara com 44% nas microempresas e 48% nas grandes empresas). De 2011 para 2012 apenas a classe das microempresas aumentou a proporção de empresas com crescimento no EBITDA.

Por segmentos de atividade económica, os valores apurados mostram que foi na *Construção de edifícios* que se registou o maior número relativo de empresas com crescimento do EBITDA (45%, que compara com 42% na *Engenharia civil* e nas *Atividades especializadas*). Face ao ano anterior, a maior variação neste indicador ocorreu na *Engenharia civil*, com uma quebra de, aproximadamente, 2 p.p..

Quadro 8

EBITDA Peso das empresas com crescimento anual			
		2011	2012
SNF		45.4%	44.5%
<i>Construção</i>		43.4%	43.5%
Por classes de dimensão	Microempresas	43.9%	44.5%
	Pequenas e Médias Empresas	40.8%	37.1%
	Grandes Empresas	49.4%	48.3%
Por segmentos de atividade económica	Construção de edifícios	44.5%	44.5%
	Engenharia civil	44.1%	42.4%
	Atividades especializadas	41.2%	42.0%

Para além da evolução do EBITDA, é interessante avaliar a percentagem de empresas com valores negativos neste indicador. Pretende-se assim identificar a proporção de empresas para as quais a atividade operacional não consegue gerar receitas suficientes para cobrir os custos incorridos.

...contudo, 40% das empresas do setor apresentaram EBITDA negativo

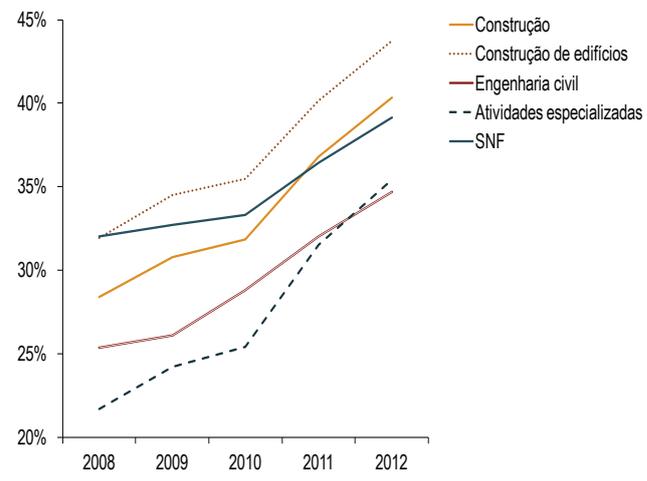
Em 2012, 40% das empresas do setor da *Construção* apresentaram EBITDA negativo, o que representa um acréscimo de 12 p.p. face a 2008 (Gráfico 7). Neste intervalo temporal, a *Construção* manteve proporções inferiores às do agregado das SNF até 2010. A partir de 2011 a percentagem de empresas com EBITDA negativo passou a ser superior na *Construção*. O agravamento deste

¹⁶EBITDA, que representa a sigla da expressão inglesa *Earnings Before Interest, Taxes, Depreciation and Amortization*, é entendido como o resultado do exercício acrescido dos custos registados por conta de juros, impostos, depreciações e amortizações.

indicador é evidente em todos os segmentos de atividade económica e classes de dimensão. No entanto, a *Construção de edifícios* merece destaque, por manter ao longo de todo o período analisado, a maior proporção de empresas com EBITDA negativo. Por classes de dimensão, as microempresas observaram em todo o período o maior número relativo de empresas nesta situação.

Gráfico 7

EMPRESAS COM EBITDA NEGATIVO | *Peso no total*



3.2.4 Rendibilidade dos capitais próprios¹⁷

A rendibilidade dos capitais próprios do setor da *Construção* manteve-se negativa em 2012 (-8%), pelo segundo ano consecutivo (Gráfico 8). A *Construção* apresentava, de resto, a pior rendibilidade de entre os principais setores de atividade económica em Portugal, situando-se 8 p.p. abaixo da média das SNF. De acordo com os dados preliminares da Central de Balanços até ao terceiro trimestre de 2013, verificou-se uma evolução homóloga positiva no indicador de rendibilidade da *Construção* calculado como o rácio entre o EBITDA e a soma dos capitais próprios com os financiamentos obtidos.

A rendibilidade dos capitais próprios da *Construção* manteve-se negativa em 2012 (-8%)...

Com exceção das grandes empresas, todas as classes de dimensão do setor em estudo apresentaram rendibilidades médias negativas em 2012: 5% nas grandes empresas, que compara com -9% nas PME e -16% nas microempresas. Note-se que a classe das microempresas apresentou ao longo de todo o horizonte temporal analisado rendibilidades dos capitais próprios negativas.

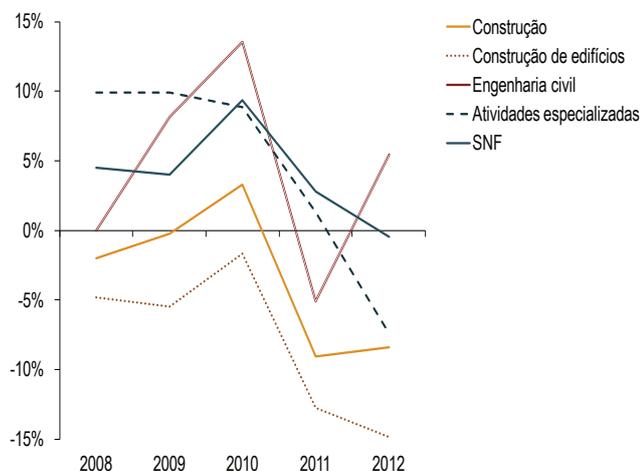
Por segmentos de atividade económica, apenas a *Engenharia civil* registou em 2012 uma rendibilidade dos capitais próprios positiva (5%), tendo recuperado do valor negativo observado em 2011 (-5%). As *Atividades especializadas* apresentaram, pela primeira vez em 2012, uma rendibilidade negativa (-7%). A *Construção de edifícios*, pelo contrário, apresentou sempre rendibilidades negativas no período 2008-2012, com um agravamento no último ano (-15% em 2012 e -13% em 2011).

...tendo apenas o segmento da *Engenharia civil* registado uma rendibilidade positiva (5%)

¹⁷ Calculada através do rácio entre o resultado líquido do período e os capitais próprios, esta rendibilidade mede o retorno obtido pelo capital investido pelos acionistas/sócios. Note-se que a rendibilidade dos capitais próprios é calculada, em termos individuais, apenas para as empresas com capitais próprios positivos, como se refere no *Estudos da Central de Balanços | 6 – Novos Quadros da Empresa e do Setor: Adaptação ao Sistema de Normalização Contabilística*, de dezembro de 2011.

Gráfico 8

RENDIBILIDADE DOS CAPITAIS PRÓPRIOS



A par da manutenção da rentabilidade média negativa, a proporção de empresas da *Construção* com resultado líquido do período negativo aumentou em 2012, tendo-se situado em 48% (44% em 2011) (Quadro 9). Este aumento foi registado em todas as classes de dimensão, com exceção das grandes empresas: +3 p.p., para 50% nas microempresas; +4 p.p., para 35% nas PME; e -8 p.p., para 23% nas grandes empresas. Por segmentos de atividade económica, o aumento foi generalizado, mantendo-se a *Construção de edifícios* com a maior percentagem de empresas com resultado líquido do período negativo (52%, que compara com 43% na *Engenharia civil* e nas *Atividades especializadas*).

Quadro 9

EMPRESAS COM RESULTADO LÍQUIDO DO PERÍODO E CAPITAIS PRÓPRIOS NEGATIVOS

	Ano	SNF	Construção	Por classes de dimensão			Por segmentos de atividade económica		
				Micro	PME	Grandes	Construção de edifícios	Engenharia civil	Atividades especializadas
Empresas com resultado negativo	2011	44.5%	44.3%	46.5%	30.9%	31.5%	47.8%	39.9%	38.5%
	2012	47.4%	48.2%	50.0%	34.9%	23.3%	51.8%	42.6%	42.8%
Empresas com capitais próprios negativos	2011	27.3%	22.5%	24.7%	9.4%	6.7%	22.8%	19.0%	22.7%
	2012	29.2%	24.7%	26.8%	9.4%	6.7%	24.8%	20.8%	25.3%

A parcela de empresas com capitais próprios negativos na *Construção* (25%) foi mais significativa na classe de dimensão das microempresas (27%)

Em virtude do registo consecutivo de resultados líquidos negativos, 25% das empresas da *Construção* registou capitais próprios negativos em 2012, o que corresponde a um aumento de 2 p.p. face a 2011. À semelhança do ano anterior, esta situação foi particularmente relevante nos segmentos da *Construção de edifícios* e das *Atividades especializadas*, nos quais cerca de 25% das empresas apresentaram capitais próprios negativos. Por classes de dimensão, é notória uma maior parcela de microempresas com capitais próprios negativos (27%) comparativamente com o que se observa nas PME (9%) e nas grandes empresas (7%).

3.3 Situação financeira

3.3.1 Estrutura financeira

O rácio de autonomia financeira do setor da *Construção* foi de 20% em 2012, 9 p.p. abaixo do valor do agregado das SNF. Em todo o período 2008-2012, o setor da *Construção* apresentou uma menor autonomia financeira.

O peso dos capitais próprios no ativo era muito semelhante entre as várias classes de dimensão das empresas: 23% nas grandes empresas; 21% nas PME e 19% nas microempresas. Em termos dos segmentos de atividade económica, as *Atividades especializadas* (29%) exibiam maior autonomia financeira face à *Construção de edifícios* (21%) e à *Engenharia civil* (17%).

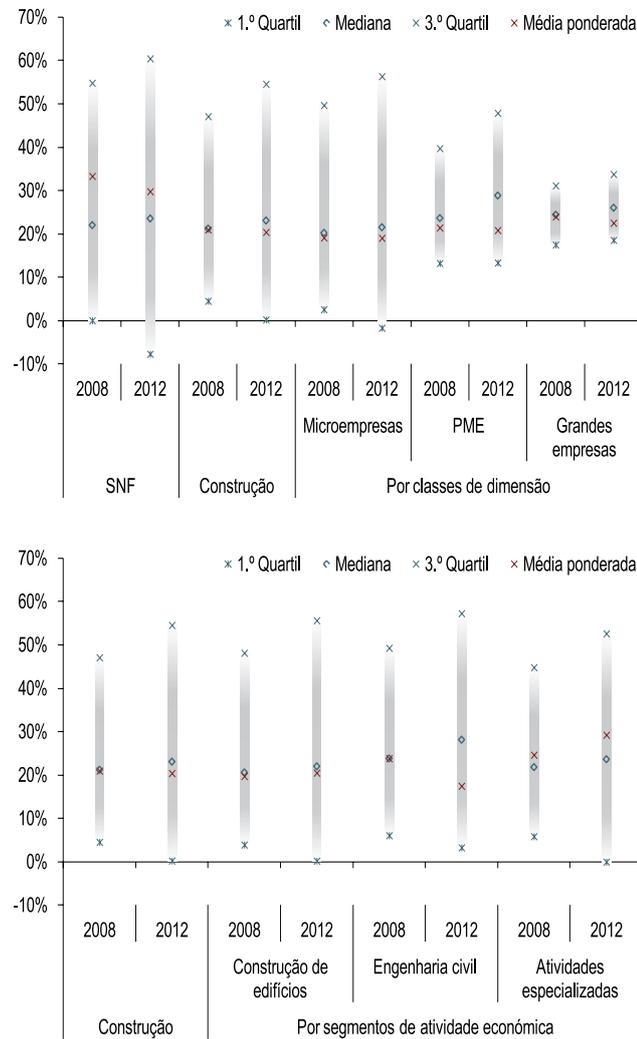
A informação microeconómica permite constatar que, em 2012, embora apresentando um valor médio de autonomia financeira inferior ao das SNF, a mediana do indicador nas empresas da *Construção* estava em linha com o observado nas SNF (23% e 24%, respetivamente). Adicionalmente é possível verificar que a dispersão da autonomia financeira no setor em estudo é menor, com o primeiro quartil a ter um valor superior ao das SNF (0.3% e -8%, respetivamente) e o terceiro quartil a ter um valor inferior (55% e 60%, respetivamente) (Gráfico 9). Deste modo, a diferença nos valores médios deve-se essencialmente ao enviesamento que o indicador de autonomia financeira sofre no agregado das SNF pelo efeito de algumas empresas mais capitalizadas.

A análise da distribuição dos dados das empresas da *Construção* permite verificar ainda que a dispersão dos valores da autonomia financeira aumentou no período em análise. De facto, em 2008, o intervalo interquartil da autonomia financeira da *Construção* situou-se em 43 p.p., enquanto em 2012 atingiu os 54 p.p.. Esta situação reflete uma maior diferenciação no grau de utilização dos capitais próprios como fonte de financiamento, que é visível tanto ao nível das várias classes de dimensão como dos diferentes segmentos de atividade económica.

A *Construção* registou um nível de autonomia financeira de 20% em 2012, 9 p.p. inferior ao das SNF. O segmento da *Engenharia civil* registou a menor autonomia financeira (17%)

Gráfico 9

AUTONOMIA FINANCEIRA | Distribuição por quartis e média ponderada (2008 e 2012)



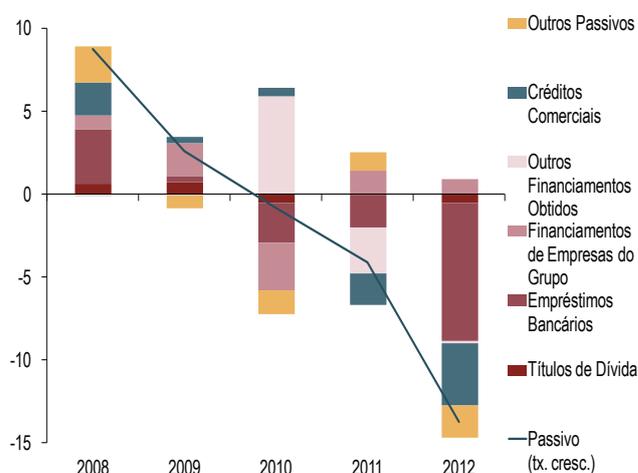
O resultado obtido para o indicador de autonomia financeira mostra que o capital alheio tinha um papel muito relevante no financiamento da atividade da *Construção*, situação que justifica uma análise mais detalhada das suas características e da sua evolução recente.

Apenas a componente dos financiamentos de empresas do grupo atenuou a queda de 14% do passivo do setor da *Construção*

O passivo do setor da *Construção* contraiu 14% em 2012 (decréscimo de 4% em 2011), tendo apenas os financiamentos de empresas do grupo evoluído de forma positiva (crescimento de 9%). Os empréstimos bancários e os créditos comerciais registaram quebras significativas (-20% e -22%, respetivamente), o que determinou o decréscimo global do passivo do setor da *Construção* (Gráfico 10).

Gráfico 10

PASSIVO | Taxa de crescimento anual (em %) e contributos (em p.p.)



Nota: Foram excluídas da análise as componentes do passivo consideradas eminentemente contabilísticas, como sejam os diferimentos e as provisões. Desta forma, a classe "Outros Passivos" incorpora as dívidas ao Estado e outros entes públicos, a acionistas e sócios (não remuneradas), outros passivos correntes e outras contas a pagar.

O Gráfico 11 detalha as fontes de financiamento alheio da *Construção* em 2012, sendo possível constatar que a dívida financeira e os créditos comerciais representavam, no seu conjunto, mais de três quartos do total. No entanto, a importância relativa de cada uma das fontes de financiamento diverge entre segmentos de atividade económica e classes de dimensão.

A dívida financeira representava 60% do passivo do setor da *Construção*, valor equivalente ao observado nas SNF. No entanto, a *Construção* destacava-se pela maior relevância dos empréstimos bancários¹⁸ como fonte de financiamento (38%, que compara com uma média de 29% no agregado das SNF). O maior peso desta componente era compensado pelo menor recurso a financiamentos de empresas do grupo e a emissão de títulos de dívida¹⁹.

Por classes de dimensão, era nas PME que os empréstimos bancários assumiam maior preponderância, onde representavam 44% do passivo total, que compara com 36% nas grandes empresas e 35% nas microempresas. Por segmentos de atividade económica, a *Construção de edifícios* destacava-se, com 42% do seu financiamento proveniente de empréstimos bancários, valor que compara com 35% na *Engenharia civil* e 27% nas *Atividades especializadas*.

O financiamento por emissão de títulos de dívida apenas tinha alguma expressão nas classes de dimensão das PME e das grandes empresas (7% e 5%, respetivamente). Por segmentos de atividade económica, a emissão de títulos de dívida apenas se verificava na *Engenharia civil* (6%) e na *Construção de edifícios* (3%). Nas *Atividades especializadas* o recurso a títulos de dívida era marginal (0.2%). Na classe das microempresas, o financiamento de empresas do grupo ascendia a 19%, que compara com 9% nas PME e 7% nas grandes empresas.

Os créditos comerciais representavam 15% do passivo do setor da *Construção* (16% nas SNF), e tinham maior relevância nas grandes empresas (27%) e no segmento das *Atividades especializadas* (32%).

A dívida financeira e os créditos comerciais representavam mais de três quartos do passivo da *Construção*

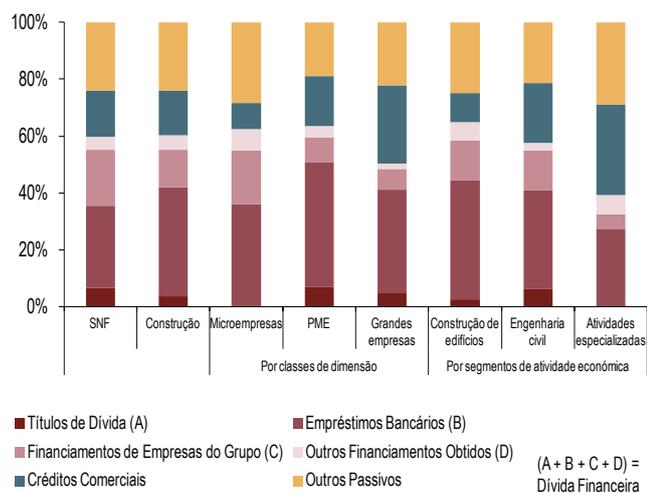
No setor da *Construção* os empréstimos bancários são muito relevantes (38% do passivo)

¹⁸A "Caixa 2: Empréstimos obtidos junto de instituições de crédito residentes em Portugal – Caracterização com base na Central de Responsabilidades de Crédito" disponibiliza informação complementar sobre esta fonte de financiamento.

¹⁹A "Caixa 3: Crédito obtido através da emissão de títulos de dívida – Caracterização com base no Sistema Integrado de Estatísticas de Títulos" disponibiliza informação complementar sobre esta fonte de financiamento.

Gráfico 11

ESTRUTURA DO PASSIVO (2012)



Nota: A dívida financeira corresponde ao conjunto de financiamentos remunerados obtidos pela empresa, designadamente, através da emissão de títulos de dívida, empréstimos junto de instituições de crédito e sociedades financeiras, empréstimos junto de empresas do grupo, ou ainda, outros financiamentos obtidos. Foram excluídas da análise as componentes do passivo consideradas eminentemente contabilísticas, como sejam os diferimentos e as provisões. Desta forma, a classe "Outros Passivos" incorpora as dívidas ao Estado e outros entes públicos, a acionistas e sócios (não remuneradas), outros passivos correntes e outras contas a pagar.

CAIXA 2 | EMPRÉSTIMOS OBTIDOS JUNTO DE INSTITUIÇÕES DE CRÉDITO RESIDENTES EM PORTUGAL – CARACTERIZAÇÃO COM BASE NA CENTRAL DE RESPONSABILIDADES DE CRÉDITO²⁰

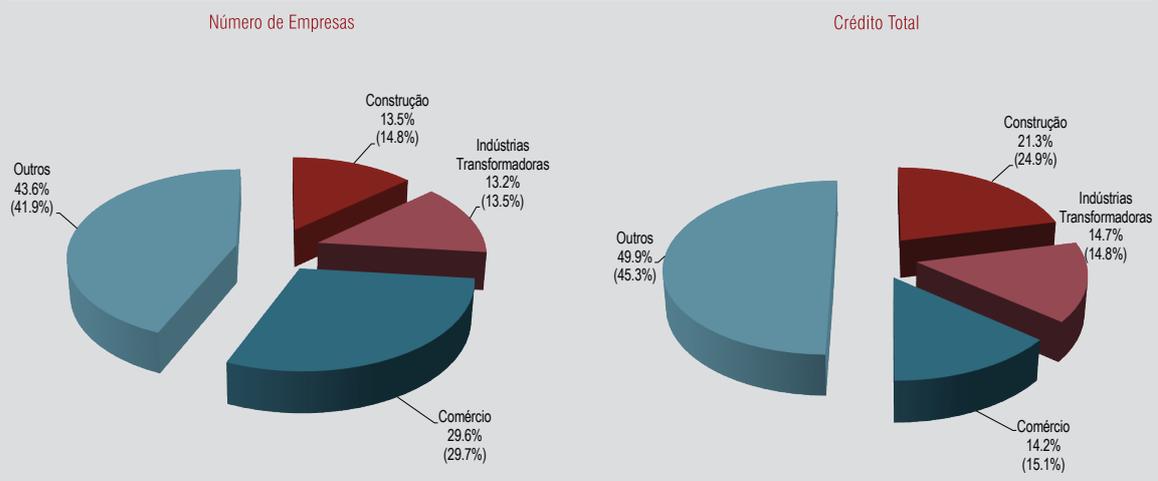
Os empréstimos obtidos junto de instituições de crédito (IC) constituem a principal componente da dívida financeira das empresas da *Construção* (em 2012, representavam 63% da dívida financeira e cerca de 38% do passivo total). Com base na informação disponível na Central de Responsabilidades de Crédito do Banco de Portugal, procede-se, nesta *Caixa*, à análise da componente relacionada com os empréstimos obtidos junto de IC residentes em Portugal²¹.

Em 2012, a proporção de empresas do setor da *Construção* com crédito obtido junto de IC residentes era de 67%, superior à observada no agregado das SNF (61%). De notar, porém, que tem vindo a diminuir desde 2009 o número de empresas do setor da *Construção* com empréstimos bancários.

As IC residentes têm tradicionalmente uma elevada exposição face ao setor da *Construção*. Com efeito, em 2012 cerca de 13.5% das empresas com crédito junto de IC residentes pertenciam ao setor em estudo (apenas superado pelo setor do *Comércio*, que agregava 29.6% das empresas). Em termos do montante total do crédito, o peso relativo da *Construção* supera o de todas as restantes atividades económicas, representando 21.3% do total do crédito concedido por IC residentes às empresas em Portugal em 2012. Não obstante, note-se que o grau de exposição das IC residentes ao setor da *Construção* diminuiu, por comparação com 2009 (24.9%) (Gráfico 2.1).

Gráfico 2.1

NÚMERO DE EMPRESAS E TOTAL DO FINANCIAMENTO OBTIDO JUNTO DE IC RESIDENTES | Por setores de atividade económica (2012) (2009 entre parêntesis)



De facto, de 2009 a 2012, o crédito concedido por IC residentes ao setor da *Construção* diminuiu 25.2% ou seja, cerca do dobro da redução verificada no agregado das empresas não financeiras em Portugal (12.5%). Esta quebra não se refletiu da mesma forma em todos os segmentos de atividade económica do setor da *Construção*. Enquanto nas atividades de *Construção de edifícios* e *Atividades especializadas* o crédito registou quebras, de 33.1% e 18.1%, respetivamente, na *Engenharia civil* verificou um aumento, de 13.7%. Deste modo, o segmento da *Construção de edifícios*, que detém a maior parcela do crédito concedido ao setor da *Construção*, passou de um peso de 78.8% em 2009, para 70.5% em 2012.

²⁰ A Central de Responsabilidade de Crédito é uma base de dados gerida pelo Banco de Portugal com informação prestada pelas entidades participantes (instituições residentes que concedem crédito) sobre os créditos concedidos. Para mais informação pode ser consultado o Caderno n.º 5 do Banco de Portugal, *Central de Responsabilidades de Crédito*.

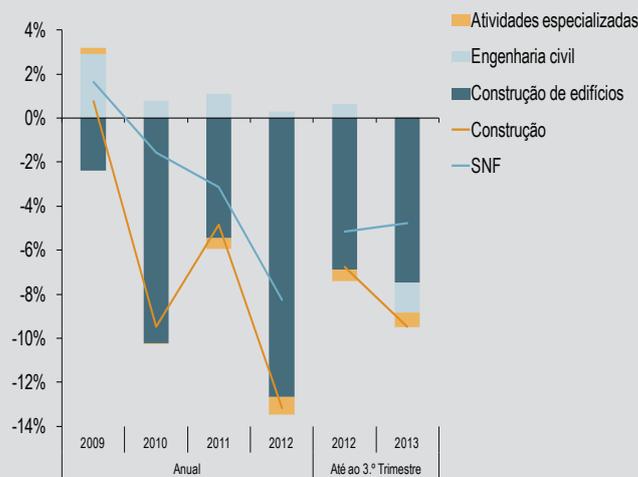
²¹ Incluem, nomeadamente, bancos, caixas económicas e caixas de crédito agrícola mútuo (genericamente designados por "bancos" neste *Estudo*), bem como instituições financeiras de crédito, sociedades de *factoring*, sociedades financeiras para aquisições a crédito e sociedades de locação financeira. De notar que mais de 95% do crédito concedido a SNF em 2012 por instituições de crédito residentes teve origem em bancos.

Analisando apenas o período mais recente observa-se que, em 2012, o crédito concedido à *Construção* contraiu 13.2%, face a 2011. Em 2013, mantinha-se no final do terceiro trimestre a tendência negativa da evolução do crédito concedido ao setor, com uma quebra de 9.5%. No total das SNF, o crédito contraiu, em igual período, 4.8%.

A *Construção de edifícios* foi o segmento mais relevante na queda observada nos primeiros nove meses de 2013 (contributo de -7.5 p.p., que compara com -1.3 p.p. na *Engenharia civil* e -0.7 p.p. nas *Atividades especializadas*) (Gráfico 2.2). Por classes de dimensão, a contração do crédito foi maior nas empresas de menor dimensão: 13.3% nas microempresas, 8.9% nas PME e 2.7% nas grandes empresas.

Gráfico 2.2

EVOLUÇÃO DO FINANCIAMENTO OBTIDO JUNTO DE IC RESIDENTES | Taxa de crescimento (em %) e contributos (em p.p.) – valores no final do período



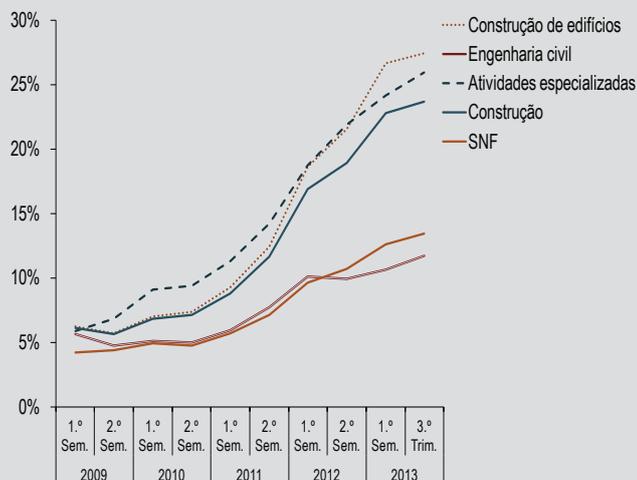
O rácio de crédito vencido²² do setor da *Construção* tem exibido uma trajetória crescente ao longo do período analisado (Gráfico 2.3). No final do terceiro trimestre de 2013 o rácio de crédito vencido da *Construção* ascendia a 23.7%, enquanto no agregado das SNF se situava em 13.4%. Face ao final de 2009, este valor representa um aumento de 18.0 p.p. na *Construção*, que compara com 9.1 p.p. nas SNF.

Por segmentos de atividade económica, apenas a *Engenharia civil* (11.7%) registava, no final do terceiro trimestre de 2013, níveis de incumprimento inferiores aos das SNF. Na *Construção de edifícios* e nas *Atividades especializadas* o rácio de crédito vencido atingia 27.4% e 25.9%, respetivamente. Por classes de dimensão, o rácio de crédito vencido ascendeu a 29.7% nas microempresas, 26.9% nas PME e 6.1% nas grandes empresas.

²² O rácio de crédito vencido, baseado em informação da Central de Responsabilidades de Crédito, é calculado como a proporção de crédito vencido no total de crédito obtido. O crédito considera-se vencido, no que respeita ao capital, decorridos no máximo 30 dias após o seu vencimento sem que se tenha verificado a respetiva regularização e, relativamente aos juros e outras despesas, a partir da data em que o seu pagamento deveria ter sido efetuado

Gráfico 2.3

RÁCIO DE CRÉDITO VENCIDO (no final do período)

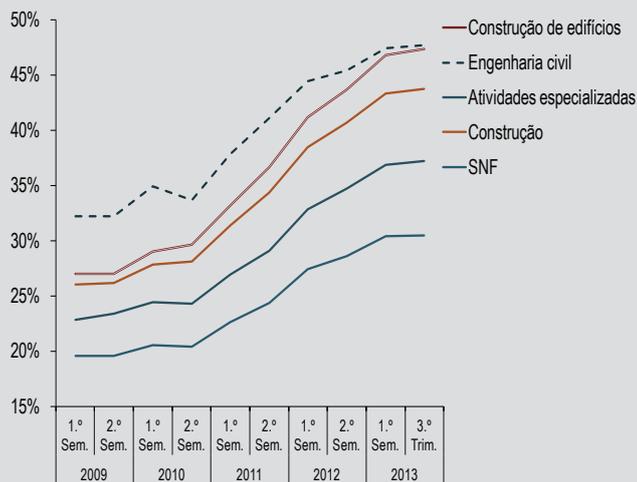


No final do terceiro trimestre de 2013 estavam em incumprimento perto de 43.8% das empresas da *Construção* com crédito junto de IC residentes, situação que compara com 30.5% para as SNF (Gráfico 2.4).

Por segmentos de atividade económica, a *Engenharia civil* e a *Construção de edifícios* apresentavam os valores mais elevados (47.7% e 47.4%, respetivamente), enquanto nas *Atividades especializadas* o valor era mais reduzido (37.2%). Por classes de dimensão, não havia grande distinção, com a parcela de empresas em situação de incumprimento a oscilar entre 43.0% nas microempresas, 46.0% nas PME e 45.1% nas grandes empresas.

Gráfico 2.4

EMPRESAS COM CRÉDITO VENCIDO (no final do período)



Os juros suportados pelo setor da *Construção* diminuíram 5% em 2012...

3.3.2 Custos financeiros e solvabilidade

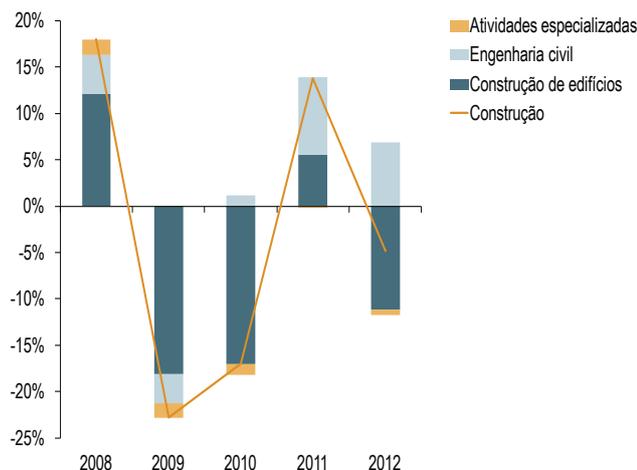
À semelhança do que sucedeu com o total das SNF, os juros suportados pelo setor da *Construção* sofreram uma contração em 2012 (de 5%, que compara com 1% nas SNF), após terem aumentado consideravelmente em 2011, na sequência do agravamento generalizado dos custos de financiamento da economia portuguesa. Os dados preliminares da Central de Balanços para 2013 apontam para que a tendência de diminuição dos juros suportados pela *Construção* se tenha prolongado até setembro.

A quebra em 2012 dos juros suportados pelo setor da *Construção* foi determinada, em termos de classes de dimensão, pelas PME (-24%, face a 2011), dado que nas microempresas e nas grandes empresas os juros suportados cresceram 10% e 11%, respetivamente.

Por segmentos de atividade económica, a quebra destes custos financeiros no setor da *Construção* ficou a dever-se, em larga medida, à *Construção de edifícios* (-17%, o que representa um contributo de -11 p.p. para a quebra verificada no setor em estudo) (Gráfico 12). Nas *Atividades especializadas* também diminuiu o montante despendido com juros (-10%), enquanto, de forma oposta, no segmento da *Engenharia civil* aumentou (25%). É de notar que só neste último segmento se verificou em 2012 um aumento da dívida financeira (4%).

Gráfico 12

JUROS SUPORTADOS | Taxa de crescimento anual (em %) e contributos (em p.p.)

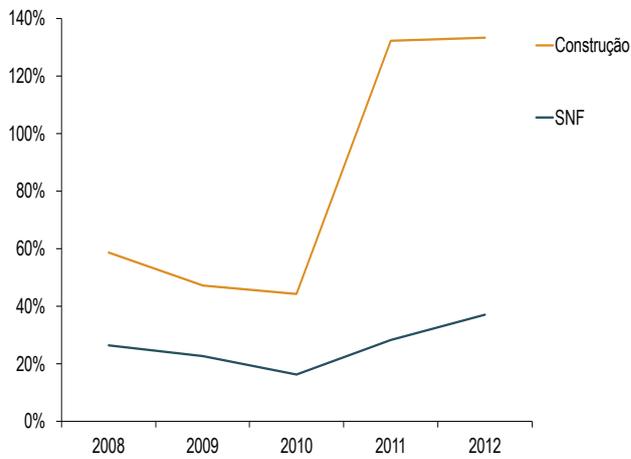


...no entanto, a pressão financeira manteve-se elevada (133%)

A pressão financeira sobre o setor da *Construção*, medida em termos do peso dos juros suportados no EBITDA, manteve-se relativamente inalterada em 2012 (133%), depois de ter crescido 88 p.p. em 2011, face a 2010. No período analisado, a pressão financeira na *Construção* passou de 59%, em 2008, para 133%, em 2012, o que compara com 27% e 37% nas SNF, respetivamente (Gráfico 13).

Gráfico 13

PESO DOS JUROS SUPOSTOS NO EBITDA



Analisando, o resultado da pressão financeira no setor da *Construção* no período de 2008-2012, verifica-se que o setor não conseguiu gerar rendimentos suficientes para fazer face ao custo do financiamento nos últimos dois anos.

De facto, em 2012, 43% das empresas da *Construção* exibiram EBITDA inferior aos juros suportados, o que compara com 41% no agregado das SNF (Quadro 10). O valor de 2012 representa um acréscimo de 4 p.p. face a 2011 e de 11 p.p. face a 2008, confirmando, assim, o aumento significativo da pressão financeira sobre este setor.

A percentagem de empresas com EBITDA inferior aos juros em 2012 varia consideravelmente entre classes de dimensão: 45% nas microempresas, 27% nas PME e 22% nas grandes empresas.

Por segmentos de atividade económica, esta situação foi mais pronunciada na *Construção de edifícios* onde a percentagem de empresas com EBITDA inferior aos juros ascendia a 47%, que compara com 38% na *Engenharia civil* e 37% nas *Atividades especializadas*.

No setor da *Construção*, 43% das empresas gerou em 2012 um EBITDA inferior aos juros suportados

Quadro 10

EMPRESAS COM EBITDA INFERIOR AOS JUROS Em % do total								
	SNF	Construção	Por classes de dimensão			Por segmentos de atividade económica		
			Mícro	PME	Grandes	Construção de edifícios	Engenharia civil	Atividades especializadas
2011	38.4%	39.8%	42.4%	24.1%	21.3%	44.0%	35.3%	33.1%
2012	41.0%	43.3%	45.5%	27.3%	21.7%	47.4%	37.7%	37.1%

Na classe de dimensão das microempresas e no segmento de atividade da *Construção de edifícios*, quase metade das empresas apresentou EBITDA inferior aos juros

Considerando a elevada pressão financeira sobre o setor da *Construção*, importa aferir a capacidade das empresas para cumprir com as obrigações de curto prazo. Nesse sentido, o Quadro 11 apresenta os valores dos indicadores de liquidez geral²³ e de liquidez reduzida²⁴.

²³ Calculada através do rácio entre o ativo corrente e o passivo corrente, este indicador de solvabilidade mede a capacidade das empresas cumprirem as suas obrigações de curto prazo.

²⁴ Calculada através do rácio entre o ativo corrente deduzido de inventários e ativos biológicos consumíveis e o passivo corrente, este indicador de solvabilidade mede a capacidade das empresas cumprirem as suas obrigações de curto prazo não considerando para o efeito os inventários.

Quadro 11

INDICADORES DE SOLVABILIDADE								
	SNF	Construção	Por classes de dimensão			Por segmentos de atividade económica		
			Micro	PME	Grandes	Construção de edifícios	Engenharia civil	Atividades especializadas
LIQUIDEZ GERAL								
2011	121.2%	141.6%	153.6%	135.0%	133.0%	150.0%	126.1%	139.7%
2012	116.3%	135.7%	153.0%	122.2%	125.5%	142.2%	123.5%	138.2%
LIQUIDEZ REDUZIDA								
2011	88.1%	77.3%	48.8%	76.1%	123.8%	53.4%	109.0%	117.4%
2012	84.1%	75.8%	50.7%	76.2%	119.6%	50.1%	107.6%	116.7%

Em média, face ao agregado das SNF, o setor apresenta maior liquidez geral...

O setor da *Construção* compara favoravelmente com o total das empresas não financeiras em Portugal ao nível do indicador de liquidez geral (136% e 116%, respetivamente, em 2012). Em termos de classes de dimensão, observa-se que quanto maior a dimensão da empresa menor o nível de liquidez geral. Por segmentos de atividade económica, a *Construção de edifícios* exhibe o maior nível de liquidez geral (142%, que compara com 124% na *Engenharia civil* e 138% nas *Atividades especializadas*).

...e menor liquidez reduzida

Com base no indicador de liquidez reduzida, ou seja, excluindo da análise os inventários, a situação altera-se. O setor da *Construção* apresentava em 2012 um nível de liquidez reduzida inferior ao total das empresas não financeiras portuguesas (76% e 84%, respetivamente). Esta situação não é, contudo, transversal a todas as classes de dimensão e segmentos de atividade económica. Por classes de dimensão, as grandes empresas da *Construção* apresentaram em 2012 um nível de liquidez reduzida (120%) mais favorável do que a média das SNF. Por segmentos de atividade económica, apenas as empresas da *Construção de edifícios* (50%) comparavam desfavoravelmente com as SNF no indicador em análise.

CAIXA 3 | CRÉDITO OBTIDO ATRAVÉS DA EMISSÃO DE TÍTULOS DE DÍVIDA – CARACTERIZAÇÃO COM BASE NO SISTEMA INTEGRADO DE ESTATÍSTICAS DE TÍTULOS²⁵

Em 2012, o financiamento obtido através de títulos de dívida representava 6% da dívida financeira do setor da *Construção* (4% do passivo total). Com base na informação disponível no Sistema Integrado de Estatísticas de Títulos do Banco de Portugal é efetuada a seguir uma breve caracterização desta fonte de financiamento.

No final do terceiro trimestre de 2013, 7% da dívida obtida por SNF através de títulos tinha sido emitida por empresas do setor da *Construção*, o que colocava esta Secção da CAE-Rev.3 na quinta posição (no total de 17 secções) mais representativa neste tipo de financiamento.

Este setor destaca-se da generalidade dos restantes pela relevância das empresas de menor dimensão no financiamento por títulos de dívida. Com efeito, enquanto no agregado das SNF as grandes empresas são responsáveis por 83% do montante total de títulos de dívida emitidos, na *Construção* representam apenas 42%, sendo mesmo superadas pelas PME (49%). Por comparação com 2008, o peso das grandes empresas neste tipo de financiamento diminuiu 6 p.p., por contrapartida do aumento das microempresas (+8 p.p.) (Quadro 3.1).

Por segmentos de atividade económica, no final do terceiro trimestre de 2013, as atividades de *Construção de edifícios* e de *Engenharia civil* eram responsáveis pela quase totalidade dos títulos de dívida emitidos pelo setor da *Construção* (47% e 51%, respetivamente).

Quadro 3.1

ESTRUTURA DO FINANCIAMENTO POR TÍTULOS DE DÍVIDA (posição no final do período)

	2008	2013 (3.º Trimestre)	Diferencial
Microempresas	0.7%	9.2%	8.4 p.p.
Pequenas e Médias Empresas	50.9%	48.8%	-2.2 p.p.
Grandes Empresas	48.3%	42.0%	-6.3 p.p.

A análise por maturidade dos títulos permite verificar que, no final do terceiro trimestre de 2013, por comparação com o final de 2008, o peso dos títulos de longo prazo aumentou quer na *Construção* quer no total das SNF. Em contrapartida, verificou-se uma redução do peso dos títulos de curto prazo, que foi de 29 p.p., no setor da *Construção*, e de 14 p.p., no agregado das SNF (Quadro 3.2). No final do terceiro trimestre de 2013, a dívida titulada das empresas, quer do setor da *Construção*, quer do agregado das SNF, encontrava-se igualmente distribuída entre as duas maturidades (curto prazo e longo prazo).

A diminuição do financiamento por títulos de curto prazo, a favor dos títulos de longo prazo, verificou-se em todas as classes de dimensão (72 p.p. nas microempresas, 42 p.p. nas PME e 9 p.p. nas grandes empresas).

Com exceção das *Atividades especializadas*, que ao longo do período se financiaram exclusivamente por títulos de dívida de curto prazo, em todos os restantes segmentos de atividade económica se registaram aumentos do peso das emissões de longo prazo.

Quadro 3.2

PESO DOS TÍTULOS DE DÍVIDA DE CURTO PRAZO (posição no final do período)

	2008	2013 (3.º Trimestre)	Diferencial
SNF	64.0%	50.4%	-13.6 p.p.
Construção	78.7%	49.5%	-29.2 p.p.

²⁵ O Sistema Integrado de Estatísticas de Títulos é um sistema de informação gerido pelo Banco de Portugal relativo a emissões e carteiras de títulos, numa base "título-a-título" e "investidor-a-investidor". Para mais informação, pode ser consultado o Suplemento 2/2008 ao *Boletim Estatístico* do Banco de Portugal, *Estatísticas de Títulos: Caracterização do Sistema Integrado e Apresentação de Resultados*.

A dívida comercial representava, em 2012, 15% do passivo do setor

3.3.3 Financiamento por dívida comercial

O financiamento por dívida comercial constitui uma importante fonte de financiamento do setor da *Construção*. Em 2012, esta fonte de financiamento representava 15% do total do passivo do setor (16% nas SNF).

No setor da *Construção* a relevância do financiamento por dívida comercial cresce com a classe de dimensão das empresas. Com efeito, este tipo de financiamento era particularmente relevante nas grandes empresas onde representava cerca de um quarto do total dos passivos (27%). Por segmentos de atividade económica, destacam-se as *Atividades especializadas* (32% do passivo).

Em termos evolutivos, os créditos comerciais concedidos à *Construção* cresceram de 2008 a 2010. Contudo, em 2011 e 2012, provavelmente na sequência da quebra na atividade, a dívida comercial diminuiu significativamente (10% e 22%, respetivamente). Em 2012 todas as classes de dimensão registaram diminuições no financiamento por esta via: 29% nas PME, 24% nas grandes empresas e 4% nas microempresas. Por segmentos de atividade económica, a maior quebra verificou-se na *Construção de edifícios* (26%, que compara com 20% na *Engenharia civil* e 18% nas *Atividades especializadas*).

A *Construção* destaca-se dos restantes principais setores de atividade em Portugal ao apresentar prazos médios de recebimentos e de pagamentos muito superiores (161 dias e 170 dias, respetivamente)

Quanto aos prazos médios, a *Construção* manteve em 2012 os prazos médios de recebimentos (161 dias) e de pagamentos (170 dias) mais elevados, de entre os principais setores de atividade económica em Portugal. Seguindo a tendência registada desde 2008, os prazos médios deste setor aumentaram significativamente de 2011 para 2012 (+16 dias e +14 dias, respetivamente), o que conduziu, inclusivamente, ao aumento do diferencial entre este setor e os restantes. No agregado das SNF o prazo médio de recebimentos diminuiu 1 dia, para 75 dias, e o prazo médio de pagamentos diminuiu 2 dias, para 82 dias (Gráfico 14 e Gráfico 15).

A deterioração dos prazos médios na *Construção* foi transversal a todas as classes de dimensão e segmentos de atividade económica. Por classes de dimensão, as microempresas apresentaram em 2012 os prazos médios de recebimentos mais dilatados (168 dias, que compara com 156 dias nas PME e 165 dias nas grandes empresas). Por segmentos de atividade económica, destaca-se a *Engenharia civil*, com os recebimentos a realizarem-se a 185 dias, o que compara com 178 dias nas *Atividades especializadas* e 127 dias na *Construção de edifícios*.

Nos prazos médios de pagamentos, por classes de dimensão, as microempresas apresentaram o valor mais elevado (259 dias), enquanto as PME (152 dias) e as grandes empresas (149 dias) exibiram valores mais aproximados. Por segmentos de atividade económica, a *Construção de edifícios* exibiu os prazos médios de pagamentos mais elevados (191 dias), face à *Engenharia civil* (160 dias) e às *Atividades especializadas* (154 dias).

Gráfico 14

PRAZO MÉDIO DE RECEBIMENTOS | Em dias

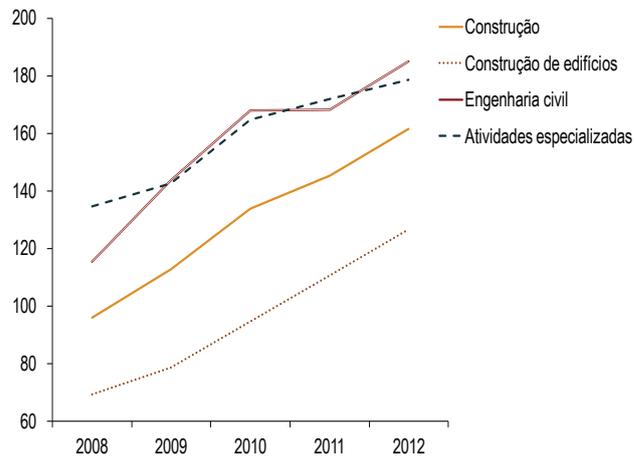
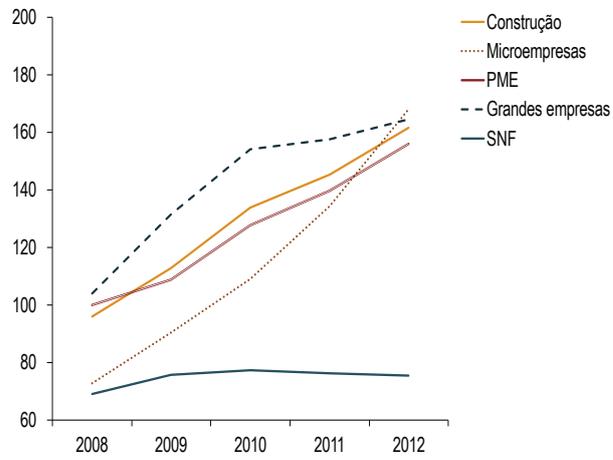
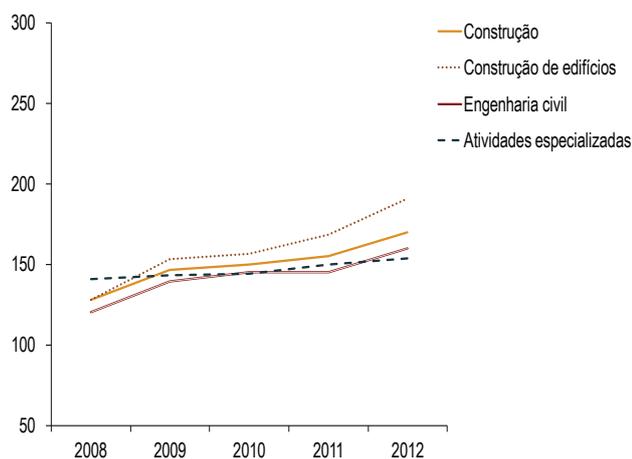
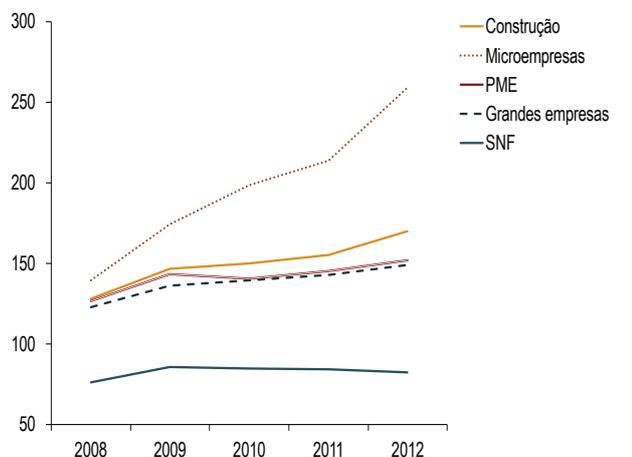


Gráfico 15

PRAZO MÉDIO DE PAGAMENTOS | Em dias



Os prazos médios dão uma indicação do desfasamento temporal associado aos recebimentos e aos pagamentos das dívidas que decorrem da atividade operacional das empresas. No entanto, não permitem aferir o grau de endividamento das empresas por essa via. É necessário complementar esta análise com um indicador líquido do financiamento por dívida comercial. O indicador selecionado relaciona os saldos de fornecedores e de clientes com o volume de negócios (Gráfico 16). Um valor negativo implica a existência de um saldo de clientes superior ao de fornecedores, significando que globalmente a empresa está a financiar os seus clientes; um valor positivo implica que o setor dispõe de um saldo de fornecedores superior ao saldo de clientes, ou seja, está a obter financiamento através dos seus fornecedores.

No setor da *Construção*, para todo o horizonte temporal considerado, com exceção do ano de 2008, o valor deste indicador foi negativo, o que revela que o setor não obteve financiamento, em termos líquidos, por via dos créditos comerciais. Em 2012, o indicador situou-se em -11%, traduzindo uma degradação de 12 p.p. face a 2008. Importa ainda destacar que a evolução negativa deste indicador no horizonte temporal em estudo foi notória em todas as classes de dimensão e segmentos de atividade económica.

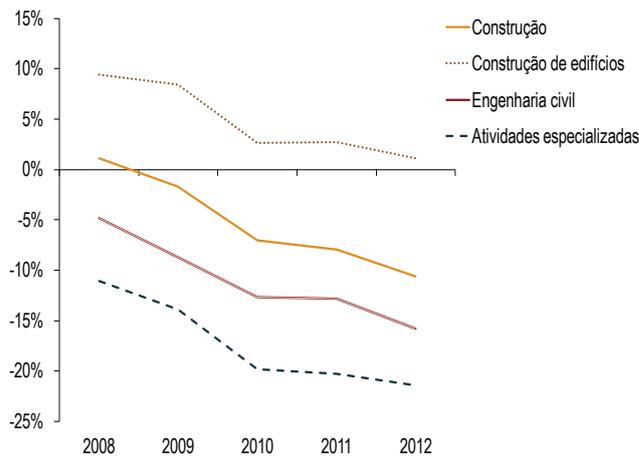
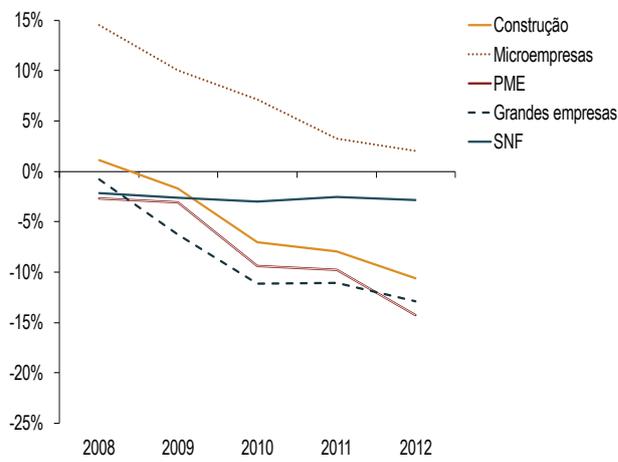
De 2009 a 2012, a *Construção* não conseguiu obter financiamento líquido por via dos créditos comerciais...

Por classes de dimensão, as microempresas foram a única classe a apresentar capacidade líquida de financiamento através de dívida comercial (2% em 2012, que compara com -13% nas grandes empresas e -14% nas PME). Por segmentos de atividade económica, só a *Construção de edifícios* obteve financiamento líquido por esta via (1% em 2012, que confronta com -16% na *Engenharia civil* e -21% nas *Atividades especializadas*).

...exceto a classe das microempresas e o segmento da *Construção de edifícios*

Gráfico 16

FINANCIAMENTO LÍQUIDO POR DÍVIDA COMERCIAL | Em % do volume de negócios



Nota: O financiamento líquido por dívida comercial foi calculado pela diferença entre o saldo de fornecedores (líquido de adiantamentos) e o saldo de clientes (líquido de adiantamentos e ajustamentos).

Com base na BACH é efetuada uma comparação da situação das grandes empresas da Construção em alguns países Europeus

4 COMPARAÇÃO INTERNACIONAL PARA AS GRANDES EMPRESAS A PARTIR DA BASE DE DADOS BACH²⁶

Em Portugal, as grandes empresas representavam apenas 0.1% do número de empresas, mas eram responsáveis por 37% do volume de negócios e 18% do número de pessoas ao serviço do setor da *Construção* em 2012.

Nesta Secção, fazendo uso da informação disponível na base de dados *Bank for the Accounts of Companies Harmonized* - BACH, efetua-se uma comparação entre as grandes empresas²⁷ da *Construção* em Portugal e noutros países europeus (Áustria, Alemanha, Bélgica, Espanha, França, Itália, Polónia e República Checa) para o ano de 2012, na generalidade dos casos.

A comparação é efetuada com base em cinco vetores de análise: atividade, rentabilidade, estrutura do financiamento, custos de financiamento/solvabilidade e financiamento por dívida comercial.

4.1 Atividade

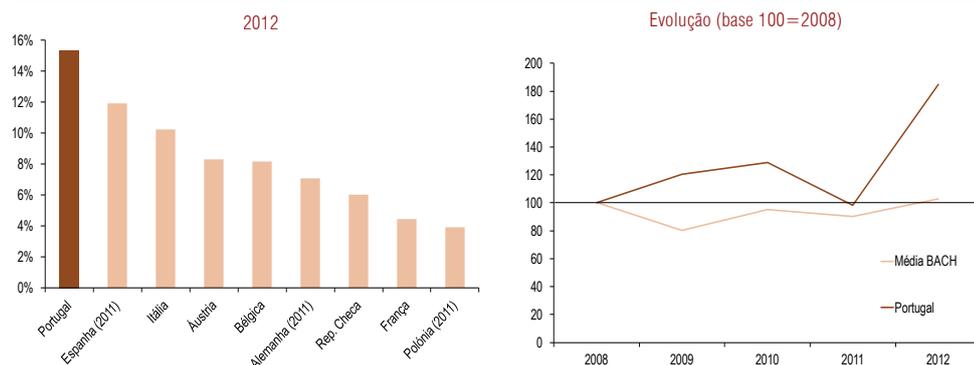
As grandes empresas da Construção em Portugal obtiveram mais EBITDA por unidade de volume de negócios do que nos outros países

Com o objetivo de aferir a eficiência operacional das empresas de maior dimensão do setor da *Construção*, é analisado o indicador de EBITDA gerado por unidade de volume de negócios. Neste indicador, as empresas em Portugal exibem a melhor performance no conjunto dos países selecionados: por cada euro de volume de negócios foram gerados 15 cêntimos de EBITDA (Gráfico 17). A Polónia apresenta o pior resultado neste indicador (por cada euro de volume de negócios foram gerados 4 cêntimos de EBITDA).

Em 2012 as grandes empresas da *Construção* em Portugal geraram um nível de EBITDA por unidade de volume de negócios muito superior ao verificado em 2008 (+7 cêntimos de EBITDA por cada euros de volume de negócios gerado). Por comparação, a média dos países analisados observou, de 2009 a 2011, um desempenho inferior ao verificado em 2008. Em 2012, o valor deste indicador situou-se ligeiramente acima do registado em 2008.

Gráfico 17

EBITDA EM % DO VOLUME DE NEGÓCIOS DAS GRANDES EMPRESAS DA CONSTRUÇÃO



²⁶ Toda a informação constante nesta Secção encontra-se disponível em: <http://www.bachesd.banque-france.fr/?lang=en>. O acesso à base de dados BACH é gratuito. A Central de Balanços do Banco de Portugal reporta a informação sobre as empresas não financeiras portuguesas e gere esta base de dados, em conjunto com as outras entidades participantes.

²⁷ Para mais informação sobre a BACH deve ser consultado o *Estudo da Central de Balanços 13 | Análise Setorial das Sociedades não Financeiras em Portugal 2012/2013*, de novembro de 2013.

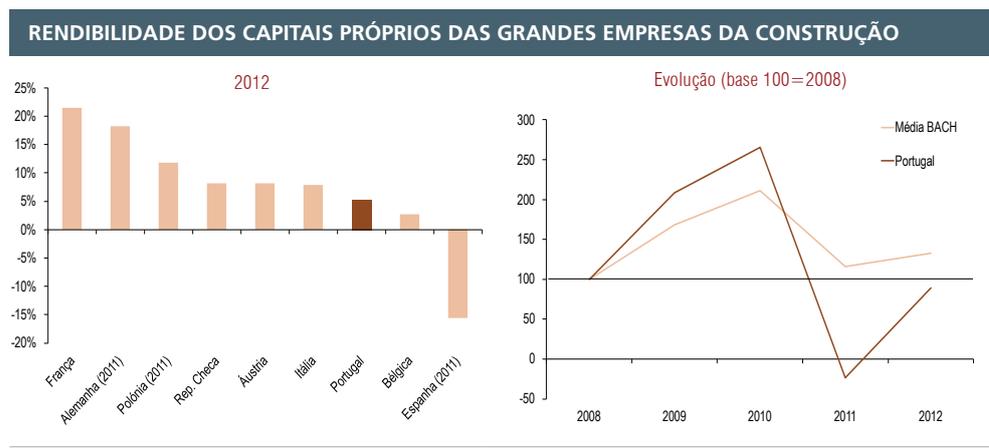
4.2 Rendibilidade

França foi o país onde as grandes empresas da *Construção* melhor remuneraram os seus investidores (rendibilidade dos capitais próprios de 22%). Na posição oposta, Espanha, Bélgica e Portugal apresentaram os piores resultados (-16%, 3% e 5%, respetivamente) (Gráfico 18).

Em termos evolutivos, depois de um crescimento acentuado da rendibilidade das grandes empresas da *Construção* em Portugal em 2009 e 2010, registou-se uma forte quebra em 2011. Em 2012 a rendibilidade voltou a melhorar e aproximou-se dos valores de 2008. Por confronto, a média dos países europeus, embora também tenha diminuído de forma acentuada em 2011, manteve-se sempre acima do exibido em 2008.

A rendibilidade dos capitais próprios das grandes empresas da *Construção* é inferior em Espanha, Bélgica e Portugal; em oposição, é superior em França

Gráfico 18



4.3 Estrutura do financiamento

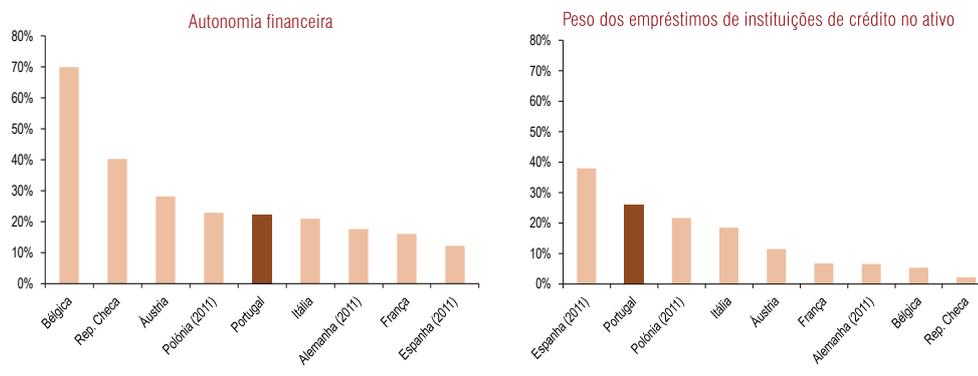
Em termos da estrutura de financiamento, as grandes empresas da *Construção* na Bélgica destacaram-se das restantes pela elevada autonomia financeira que apresentaram em 2012 (70% do ativo era financiado por capitais próprios). Portugal ocupava a quinta posição nesta comparação europeia, com uma autonomia financeira de 22%. Espanha apresentou a maior dependência de capitais alheios, com apenas 12% do ativo das suas empresas a ser financiado por capitais próprios (Gráfico 19).

O financiamento por via dos empréstimos bancários era mais relevante nas grandes empresas da *Construção* em Espanha e Portugal

No que respeita às fontes de financiamento alheio, os empréstimos obtidos junto de instituições de crédito foram particularmente relevantes em Espanha (38%) e em Portugal (26%).

Gráfico 19

INDICADORES DE FINANCIAMENTO DAS GRANDES EMPRESAS DA CONSTRUÇÃO (2012)



4.4 Custos de financiamento e solvabilidade

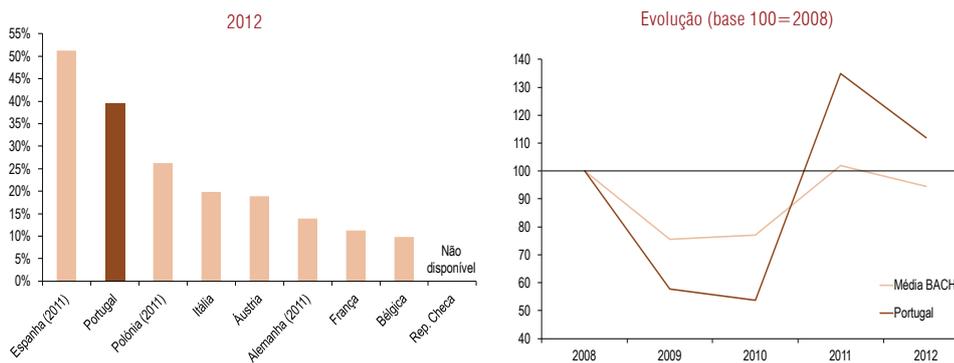
As grandes empresas da *Construção* em Espanha e Portugal observaram também o maior nível de pressão financeira

Ao nível da pressão financeira, avaliada pelo peso dos juros suportados no EBITDA, verifica-se que foi em Espanha e em Portugal que as grandes empresas da *Construção* registaram os valores mais elevados (51% e 40%, respetivamente). Por contraponto, a menor pressão financeira foi observada na Bélgica (10%), país onde as grandes empresas do setor, como foi referido anteriormente, recorreram sobretudo a capitais próprios, em detrimento dos capitais alheios (Gráfico 20).

Por comparação com 2008, a pressão financeira nas grandes empresas da *Construção* em Portugal evoluiu em linha com o que se observou para a média dos países em análise, destacando-se, no entanto, o forte crescimento observado em 2011, que superou claramente o observado nos restantes países. Em 2012, a pressão financeira sobre as empresas em Portugal foi superior à verificada em 2008, enquanto para a média dos países europeus o valor de 2012 foi inferior.

Gráfico 20

PRESSÃO FINANCEIRA DAS GRANDES EMPRESAS DA CONSTRUÇÃO

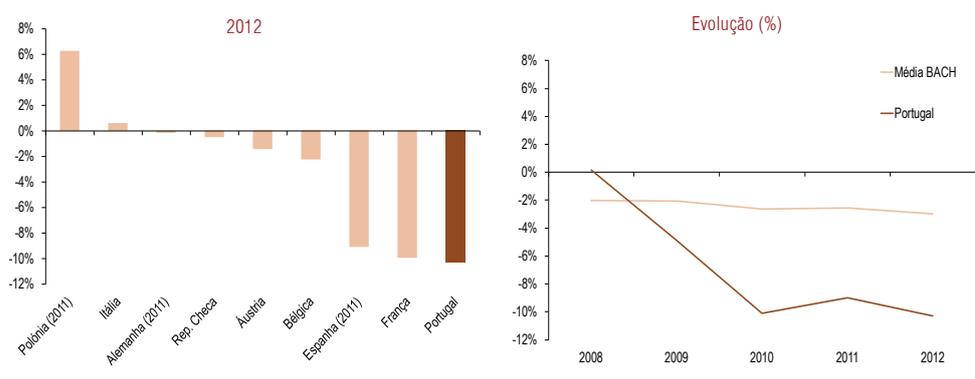


4.5 Financiamento líquido por dívida comercial

Com exceção da Polónia e da Itália (6% e 1% do volume de negócios, respetivamente), nenhum outro país conseguiu financiar-se, em termos líquidos, por dívida comercial. Neste contexto, Portugal ocupava a última posição de entre os países em análise (-10%). O valor deste indicador revela que, no que concerne aos créditos comerciais, as grandes empresas da *Construção* em Portugal disponibilizaram mais financiamento aos seus clientes do que o que obtiveram dos seus fornecedores (Gráfico 21).

Gráfico 21

FINANCIAMENTO LÍQUIDO POR DÍVIDA COMERCIAL DAS GRANDES EMPRESAS DA CONSTRUÇÃO | Em % do volume de negócios



Em termos evolutivos, de 2008 a 2012, o financiamento líquido por dívida comercial das grandes empresas da *Construção* em Portugal verificou um forte decréscimo, que compara muito negativamente com o observado em média nos países europeus em análise (-10 p.p. compara com -1 p.p., respetivamente).

Em termos globais, as grandes empresas portuguesas da *Construção* compararam favoravelmente com as suas congéneres europeias, no que respeita à margem decorrente da sua atividade operacional (medida pela percentagem do EBITDA no volume de negócios). No entanto, a rentabilidade dos capitais próprios foi menor do que a observada na maioria dos restantes países, situação que se deve, em larga medida, à estrutura de financiamento, caracterizada pela elevada dependência de capitais alheios, particularmente de empréstimos junto de instituições de crédito. Por último, a diferença entre as dívidas a fornecedores e créditos a clientes foi significativa, mas não permitiu às grandes empresas do setor da *Construção* em Portugal obter financiamento líquido por essa via.

Apenas na Polónia e em Itália as grandes empresas da *Construção* conseguem obter financiamento líquido através da dívida comercial. Em Portugal, essas empresas não conseguem financiar-se por esta via, em termos líquidos

A boa performance relativa das grandes empresas da *Construção* em Portugal em termos da atividade operacional, foi penalizada pela elevada dependência de capitais alheios

Anexo

PRINCIPAIS INDICADORES DO SETOR DA CONSTRUÇÃO (2012)

	Caracterização do setor		Atividade				Financiamento				Rendibilidade
	Volume de negócios detido por grandes empresas	Herfindahl-Hirschman Index	Taxas de crescimento	Autonomia financeira	Taxas de crescimento	Financiamento líquido por dívida comercial (% volume de negócios)	Peso dos juros suportados no EBITDA	Empréstimos obtidos junto de IC residentes (3.º Trm. 2013)	Rendibilidade dos capitais próprios		
			Volume de negócios	EBITDA	Créditos comerciais	Empréstimos Bancários	% de empresas com crédito vencido	Rácio de crédito vencido			
SNF	45%	0.002	-9%	-25%	-12%	-13%	30%	13%	-0.5%		
Setor da Construção	37%	0.006	-26%	-6%	-22%	-20%	44%	24%	-8%		
Construção de edifícios	20%	0.006	-32%	-164%	-26%	-28%	47%	27%	-15%		
Engenharia civil	67%	0.030	-23%	65%	-20%	4%	48%	12%	5%		
Atividades especializadas	14%	0.003	-20%	-55%	-18%	-14%	37%	26%	-7%		
Peso do Setor da Construção											
Número de Empresas			Volume de negócios		Número de Pessoas ao Serviço						
	2002	2012	2002	2012	2002	2012	2002	2012	2002	2012	
SNF	14%	12%	10%	7%	13%	11%					

SÍNTESE METODOLÓGICA

Autonomia financeira: Rácio entre os capitais próprios e o ativo total.

Dimensão da empresa: As empresas foram agrupadas em três classes: micro, pequenas e médias, e grandes empresas. Para esta classificação foram utilizados os critérios da Recomendação da Comissão Europeia, de 6 de maio de 2003, relativa à definição de micro, pequenas e médias empresas. Segundo esta Recomendação são classificadas como microempresas as entidades com um número de pessoas ao serviço inferior a 10 e cujo volume de negócios anual ou balanço total anual não excede 2 milhões de euros. Para efeitos deste *Estudo*, as pequenas e médias empresas (PME) não incluem as microempresas e caracterizam-se por apresentarem um número de pessoas ao serviço menor que 250 e maior que 10 e um volume de negócios anual entre 2 e 50 milhões de euros ou um balanço total anual entre 2 e 43 milhões de euros. São classificadas como grandes empresas as que não se enquadram nas condições anteriores.

Distribuição por quartis: Para se calcularem os quartis, colocam-se por ordem crescente os valores das empresas para o indicador em análise. O primeiro quartil corresponde ao valor da empresa que se situa na posição correspondente a 25% da amostra ordenada (i.e., em que 25% das empresas têm valor inferior para aquele indicador e 75% têm valor superior). O segundo quartil (ou mediana) corresponde a 50%, ou seja, o valor do indicador para esta empresa parte a distribuição ao meio, havendo então metade das empresas com valor superior e também metade com valor inferior. O terceiro quartil corresponde à posição dos 75% da amostra ordenada (75% das empresas têm valor inferior para aquele indicador e apenas 25% têm valor superior). O intervalo interquartil (obtido pela diferença entre o terceiro quartil e o primeiro quartil) dá uma indicação da dispersão existente na distribuição. Para mais detalhe relativamente ao cálculo destas medidas estatísticas, pode ser consultada a publicação *Estudos da Central de Balanços | 6, dezembro de 2011 – Novos Quadros da Empresa e do Setor: Adaptação ao Sistema de Normalização Contabilística*.

EBITDA (Earnings Before Interest, Taxes, Depreciation and Amortization): Resultados antes de juros, impostos, depreciações e amortizações. O novo normativo contabilístico (SNC) eliminou o conceito de custos e proveitos extraordinários, assim como deixou de permitir a identificação inequívoca das componentes financeiras. Como tal, optou-se por adotar o conceito de EBITDA definido pelo SNC, ajustando, tanto quanto possível, os dados reportados de acordo com o anterior normativo contabilístico (POC), referentes ao período 2006-2009.

Liquidez geral: Corresponde ao rácio entre o ativo corrente e o passivo corrente.

Liquidez reduzida: Corresponde ao rácio entre o ativo corrente deduzido de inventários e ativos biológicos consumíveis e o passivo corrente.

Rácio natalidade/mortalidade: Corresponde ao quociente entre o número de empresas criadas e o número de empresas cessadas.

Rendibilidade dos capitais próprios: Rácio entre o resultado líquido do exercício e os capitais próprios. Visto que ambas as rubricas (numerador e denominador) podem assumir valores positivos ou negativos, o indicador apenas é calculado, ao nível individual, nas situações em que os capitais próprios são positivos.



Setor de atividade económica: Na presente análise, foram excluídas do agregado das SNF as empresas classificadas nas Secções O – *Administração Pública e Defesa*; *Segurança Social Obrigatória*, T – *Atividades das famílias empregadoras de pessoal doméstico e atividades de produção das famílias para uso próprio* e U – *Atividades dos organismos internacionais e outras instituições extra-territoriais* da CAE-Rev.3, por não se incluírem no setor institucional das SNF, tendo sido também excluídas as empresas classificadas na Secção K – *Atividades Financeiras e de Seguros* onde se incorporam as Sociedades Gestoras de Participações Sociais (SGPS) não financeiras sem envolvimento na gestão das participadas que, apesar de pertencerem ao setor das SNF (conforme regulamentado no SEC95), não foram consideradas neste *Estudo* em virtude das suas características muito específicas que as distinguem das restantes SNF.

Setor da Construção: A definição do setor da *Construção* contemplou, para efeitos deste *Estudo*, as empresas da Secção F da CAE-Rev.3.

REFERÊNCIAS

[1] **Banco de Portugal (2008)**, *Reporte simplificado: incorporação da Informação Empresarial Simplificada nas Estatísticas das Empresas Não Financeiras da Central de Balanços*, Suplemento 1/2008 ao Boletim Estatístico de maio de 2008.

<http://www.bportugal.pt/pt-PT/Estatisticas/PublicacoesEstatisticas/Biblioteca%20de%20Tumbnails/Suplemento-1-2008.pdf>

[2] **Banco de Portugal (2008)**, *Estatísticas de Títulos: Caracterização do Sistema Integrado e Apresentação de Resultados*, Suplemento 2/2008 ao Boletim Estatístico de junho de 2008.

<http://www.bportugal.pt/pt-PT/Estatisticas/PublicacoesEstatisticas/Biblioteca%20de%20Tumbnails/Suplemento-2-2008.pdf>

[3] **Banco de Portugal (2011)**, *Central de Responsabilidades de Crédito*, Cadernos do Banco de Portugal n.º 5, maio de 2011.

<http://www.bportugal.pt/pt-PT/PublicacoesIntervencoes/Banco/CadernosdoBanco/Paginas/CadernosdoBanco.aspx>

[4] **Banco de Portugal (2011)**, *Novos Quadros da Empresa e do Setor: Adaptação ao Sistema de Normalização Contabilística*, Estudos da Central de Balanços | 6, dezembro de 2011.

http://www.bportugal.pt/pt-PT/ServicosaoPublico/CentraldeBalanços/Publicacoes/Biblioteca%20de%20Tumbnails/Estudos%20da%20CB%206_2011.pdf

[5] **Banco de Portugal (2013)**, *Estatísticas das Empresas Não Financeiras da Central de Balanços – Notas metodológicas*, Suplemento 2/2013 ao Boletim Estatístico de outubro de 2013.

http://www.bportugal.pt/pt-PT/Estatisticas/PublicacoesEstatisticas/Biblioteca%20de%20Tumbnails/Suplemento_2_2013.pdf

[6] **Banco de Portugal (2013)**, *Estrutura e Dinâmica das Sociedades Não Financeiras em Portugal 2006-2012*, Estudos da Central de Balanços | 12, novembro de 2013.

http://www.bportugal.pt/pt-PT/ServicosaoPublico/CentraldeBalanços/Publicacoes/Biblioteca%20de%20Tumbnails/Estudos%20da%20CB%202_2010.pdf

[7] **Banco de Portugal (2012)**, *Análise Setorial das Sociedades Não Financeiras em Portugal 2012/2013*, Estudos da Central de Balanços | 13, novembro de 2013.

http://www.bportugal.pt/pt-PT/ServicosaoPublico/CentraldeBalanços/Biblioteca%20de%20Tumbnails/Estudos%20da%20CB%2013_2013.pdf

[8] **Banco de Portugal (2013)**, *Relatório de Estabilidade Financeira*, novembro de 2013.

<http://www.bportugal.pt/pt-PT/EstudosEconomicos/Publicacoes/RelatorioEstabilidadeFinanceira/Paginas/RelatorioEstabilidadeFinanceira.aspx>

[9] **Banco de Portugal (2013)**, *Relatório do Conselho de Administração – A Economia Portuguesa em 2012*, maio de 2013.

<http://www.bportugal.pt/pt-PT/EstudosEconomicos/Publicacoes/RelatorioAnual/Paginas/RelatorioAnual.aspx>

[10] **Banco de Portugal (2013)**, *Boletim Económico – Inverno | 2013*, dezembro de 2013.

<http://www.bportugal.pt/pt-PT/EstudosEconomicos/Publicacoes/BoletimEconomico/Paginas/BoletimEconomico.aspx>

[11] **BACH Userguide**.

http://www.bachesd.banque-france.fr/index.php?page=telechargementFile&file=Summary_Userguide.pdf

[12] Decreto-Lei n.º 381/2007, de 14 de novembro.

[13] Recomendação da Comissão Europeia, de 6 de maio de 2003, relativa à definição de micro, pequenas e médias empresas (2003/361/CE).

[14] Regulamento (CE) n.º 2223/96 do Conselho, de 25 de junho de 1996, relativo ao Sistema europeu de contas nacionais e regionais na Comunidade.

ESTUDOS DA CENTRAL DE BALANÇOS

- 1 | QUADROS DA EMPRESA E DO SETOR, novembro de 2010
- 2 | ESTRUTURA E DINÂMICA DAS SOCIEDADES NÃO FINANCEIRAS EM PORTUGAL, dezembro de 2010
- 3 | ANÁLISE SETORIAL DAS SOCIEDADES NÃO FINANCEIRAS EM PORTUGAL, setembro de 2011
- 4 | ANÁLISE SETORIAL DAS INDÚSTRIAS ALIMENTARES, novembro de 2011
- 5 | ANÁLISE SETORIAL DO ALOJAMENTO, RESTAURAÇÃO E SIMILARES, novembro de 2011
- 6 | NOVOS QUADROS DA EMPRESA E DO SETOR: ADAPTAÇÃO AO SISTEMA DE NORMALIZAÇÃO CONTABILÍSTICA, dezembro de 2011
- 7 | ANÁLISE SETORIAL DAS SOCIEDADES NÃO FINANCEIRAS EM PORTUGAL 2010/2011, abril de 2012
- 8 | ANÁLISE SETORIAL DAS SOCIEDADES NÃO FINANCEIRAS EM PORTUGAL 2011/2012, novembro de 2012
- 9 | ANÁLISE SETORIAL DA INDÚSTRIA DOS TÊXTEIS E VESTUÁRIO, novembro de 2012
- 10 | ANÁLISE SETORIAL DA INDÚSTRIA DO CALÇADO, novembro de 2012
- 11 | ANÁLISE DO SETOR AGRÍCOLA, dezembro de 2012
- 12 | ESTRUTURA E DINÂMICA DAS SOCIEDADES NÃO FINANCEIRAS EM PORTUGAL 2006-2012, novembro de 2013
- 13 | ANÁLISE SETORIAL DAS SOCIEDADES NÃO FINANCEIRAS EM PORTUGAL 2012/2013, novembro de 2013
- 14 | ANÁLISE DO SETOR AUTOMÓVEL, dezembro de 2013
- 15 | ANÁLISE DO SETOR DA CONSTRUÇÃO, janeiro de 2014

